

America



A TERRA FECUNDA DOS TROPICOS... (De JEFFERSON)

ANNO I
N.º 2

PREÇOS RIO....., 500 RS.
ESTADOS, 600 RS.

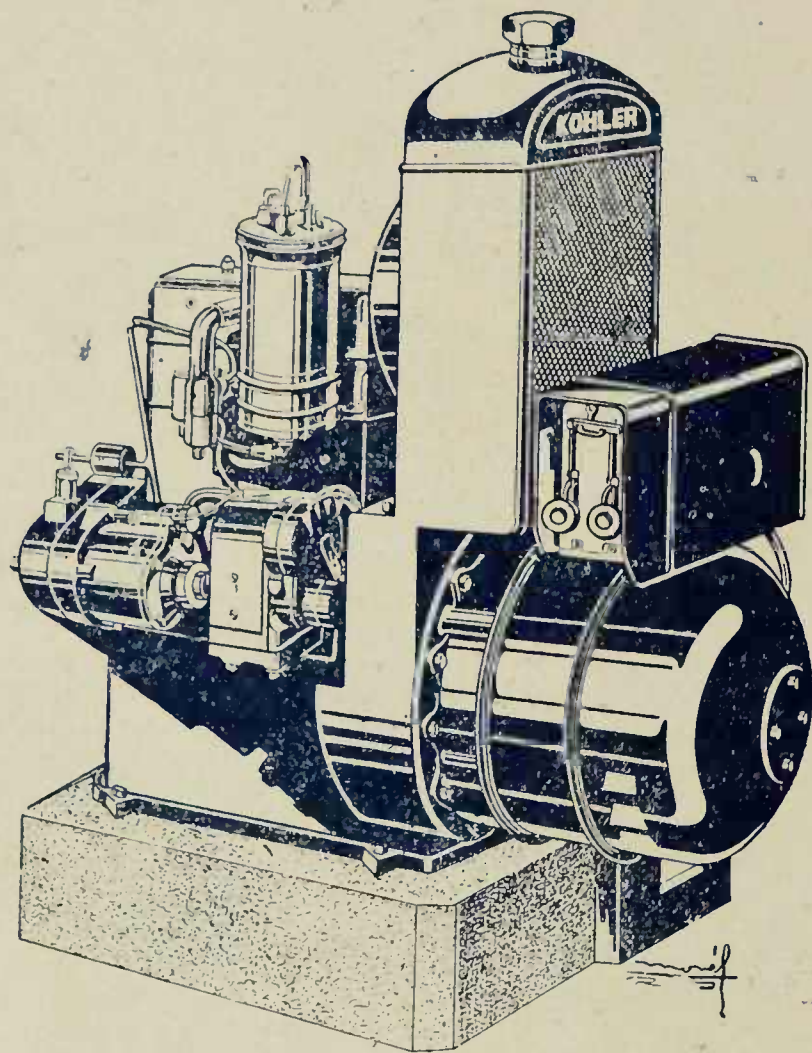
OUTUBRO
1923

GRUPOS KOHLER

FABRICADOS PELA Co. U. S. A.

Para iluminação electrica de :

FAZENDAS — ESTAÇÕES — ESTRADAS DE FERRO — NAVIOS
DE GUERRA — MERCANTES — ETC.



Verifiquem as grandes vantagens que seguem, sobre os seus similares :

- 1ª) — Não têm bateria de acumuladores
- 2ª) — São de 110 volts, 1.500 watts.
- 3ª) — De partida e parada inteiramente automaticas, bastando para isso accender ou apagar qualquer lampada da instalação.
- 4ª) — Economia incomparavel de combustivel.
- 5ª) — Espaço occupado, o minimo possivel.

AGENTES E DEPOSITARIOS :

MAYRINK VEIGA & C.

Engenheiros Importadores e Exportadores

15, 17 — Rua Municipal — 19, 21

RIO DE JANEIRO

Peçam informações mais detalhadas

O NAMORADO DE TODAS ESSAS SENHORAS

CONTO

E' ISSO, meu caro, disse Lamirre a Semplut. E' como te digo...

— E ainda exaltam o progresso, as maravilhas da sciencia! exclamou Semplut abanando, incrédulo, a cabeça. Porque eu fizera como tu e como toda a cidade: installára em minha casa um aparelho de radiotelephonia para ouvir bôa musica e conhecer o bolctim meteorologico, o movimento da Bolsa...

— Em todo caso, sempre tens mais sorte do que eu, observou Lamirre com amargura.

— E' verdade. Estou ainda perturbado com o que me contaste. E' possivel que Mmc. Lamirre...

— E' certo, meu caro. Surprehendi tudo. Ella julgava que eu tinha partido para o escriptorio...

— E ouvia uma declaração de amor...

— Tal qual. Ella estava em extase, ao passo que o «alto-falante» enchia-lhe os ouvidos de uma porção de «minha querida», «minha amada», de beijos loucos e apaixonados, de juras de amor perpetuo e de feróz fidelidade. Estava de tal modo absorvida por essa audição criminosa que não percebeu a minha entrada e pude assim inteirar-me do caso sem ser visto siquer.

— Tiveste uma coragem... ou antes, uma fraqueza! E não fizéste nenhuma violencia?

— Estou sendo astuto... O meu plano é conhecer primeiramente o cúmplice da miseravel

— Isso não será muito facil, notou Semplut.

— Terei toda a paciencia e hei de conseguil-o. Entrementes, posso contar com a tua discrição?

— Ora, ora! Naturalmente. Mudo como um tumulo!

**

Nunca um marido julgou que seja trahir um segredo o facto de confial-o

á sua mulher. Desta fórma, a primcira coisa que fez Semplut ao chegar á casa foi contar á sua esposa a mysteriosa traição de Mme. Lamirre, recommendando-lhe, naturalmente, que a não revelasse a ninguem.

No mesmo dia Mme. Semplut encontrou Mme. Lamirre no *footing*. Correu ao seu encontro, apertou-lhe effusivamente a mão e disse-lhe, num tom compassivo:

— Pobresinha!

E como Mme. Lamirre ficasse surpresa, de bocca abcrta, proseguiu:

— Vou dar-te um grande desgosto, bem sei... Não tenho outro remedio... Não tenho o direito de deixar-te por mais tempo num engano que muito te prejudica...

— Não te comprehendo, disse Mme. Lamirre. Que queres dizer com isso?

— Que tu te apoderas do que é meu. E' a mim que elle ama. E' a mim que elle manda todos os dias, depois do almoço, a vibrante expressão da sua paixão ardente... E' preciso ser razoavel, minha amiga, e não ouvir o «alto-falante» quando julgares que o teu marido sahiu... Quero poupar-te soffrimentos e decepções inúteis...

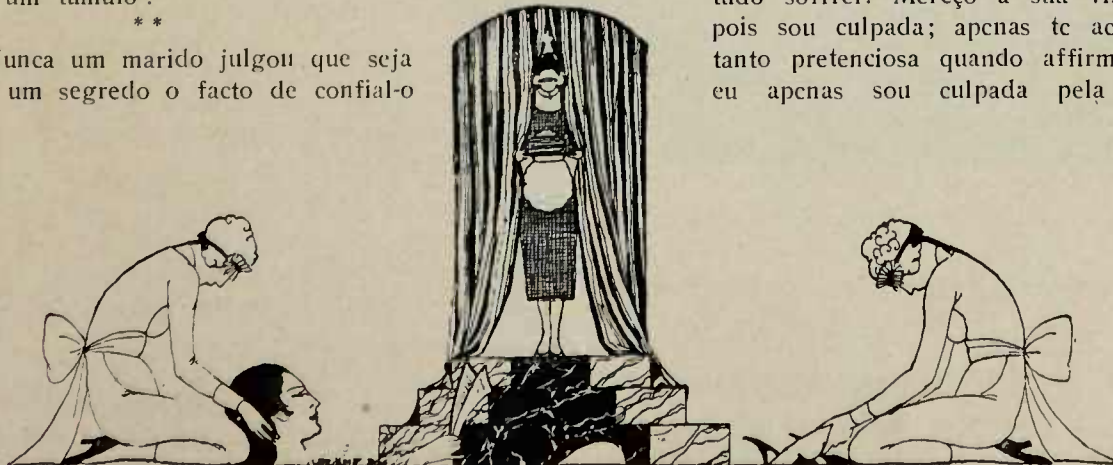
Mme. Lamirre empallidecêra. Murmurou depois, muito perturbada:

— Como soubeste?

— Pelo meu marido, a quem o teu tudo contou. O Sr. Lamirre está fóra de si. Quer descobrir o teu cúmplice... Pobresinha! E' o meu... Mas tu não és menos culpada pela intenção...

Mme. Lamirre levantára-se, com um olhar provocador.

— Por muito encolerizado que se ache o meu marido, estarei prompta a tudo soffrer. Mereço a sua vingança, pois sou culpada; apenas te acho um tanto pretenciosa quando affirmas que eu apenas sou culpada pela inten-



PHOTOGRAPHIA ARTISTICA



*Uma deliciosa "pose" de Ivette Charante,
ex-favorita dos cabarets de Paris e
actualmente uma das melhores
artistas do cinema no Ve-
lho Continente.*

ção. Tens qualquer prova de que és amada em meu lugar?

— Mas . . .

— Si assim fosse, já m'ó terias lançado ao rosto... Agrada-te desviar em teu proveito as homenagens que me são dirigidas. A vontade! Porque razão iria eu dar-me ao trabalho de disputar-te um coração que me pertence? Até logo...

E Mme. Lamirre afastou-se altiva, deixando Mme. Semplut estarecida e suffocada...

Numa cidade pequena como Sembledont tudo é mysterio e não ha mysterio que se não torne a fabula de toda a população. E' provavel que Semplut se tivesse lançado a outras indiscrições e que Mme. Lamirre, que nada mais tinha a perder, tivesse espalhado algumas intrigas sobre os fallaciosos colloquios de Mme. Semplut com o seu «alto-fallante». O certo é que o caso dessas duas senhoras não tardou em ser conhecido de todos os homens, que falavam d'elle em vóz baixa.

Ora, dentro em pouco alguns delles notaram em sua mulher uma inquietação insolita: expandiam-se de modo aspero, cheias de fel, a respeito das suas melhores amigas. Dir-se-ia que todas as habitantes de Sembledont tinham ciumes umas das outras.

Alguns maridos, subitamente com a pulga atraz da orelha, puzeram-se a vigiar as suas companheiras. E descobriram immediatamente que todas essas senhoras, á hora em que elles iam para o trabalho, entregavam-se á audição culposa das palavras de amor que já haviam enloucido Mme. Lamirre e Mme. Semplut. Esposas veneraveis e deploraveis solteironas bebiám-n'as mesmo com volupia.

Lamirre teve um certo allivio ao perceber que elle não era o unico ridiculo. Quanto a Semplut, sentiu-se grotesco de confiar com tanta precaução á sua mulher um segredo que ella propria lhe occultára. Entrementes, os maridos de Sembledont, que ainda não tinham decidido fazer saber ás suas mulheres que

conheciam o seu máu comportamento, estavam muito agitados e mantinham entre si frequentes conciliabulos. Apenas um delles, certamente, possuia uma esposa realmente infiel, mas todos os outros eram enganados «virtualmente», si assim se póde dizer. O sub-prefeito não escapára á epidemia e a propria sub-prefeita flirtava com o seu «alto-falante».

* *

Este funcionario teve uma idéa que visava confundir talvez a culpada e no minimo dar uma lição a todas as outras. Convidou, pois, os notaveis da cidade para uma sessão de radiotelephonia que devia se realizar justamente á hora quotidiana da subrepticia sessão amorosa.

Apezar de todas as suas evasivas, as senhoras foram obrigadas a comparecer em companhia dos respectivos maridos. E quando se acharam reunidas no grande salão da sub-prefeitura, estavam mais mortas do que vivas. As lampadas estavam accesas e o «alto-falante» collocado na mesa do centro.

E subitamente, á hora exacta, habitual, a voz amada se fez ouvir. E pronunciou estas palavras :

«Senhor sub-prefeito, minhas senhoras, meus senhores. Sou vosso humilde servidor. Sinto-me feliz, minhas senhoras, pela occasião que me concede o governo para apresentar-vos as minhas ultimas homenagens. Adeus, minhas senhoras. Nunca mais ouvireis a minha voz. Não sabereis nunca quem sou nem onde estou. Quiz experimentar as influencias perversas que pode ter um novo invento sobre a moralidade, sobre a virtude femininas. Estou sciente. A experiencia deu resultados inesperados. Aceitae, senhoras, com os meus calorosos agradecimentos, as minhas homenagens respeitosas...»

Adrien VELY

ENTRE OS GELOS POLARES...

TODO mundo é geralmente inclinado a considerar o Esquimó um ser de capacidade intellectual inferior. O explorador Leden, que fez já cinco viagens de estudos ethnographicos á Groenlandia, traz sobre elle uma opinião bem differente.

O Esquimó, ao contrario, affirma elle, é de uma notavel intelligencia. Si elle ficou num estagio primitivo da civilização, isso se deve ás suas condições de vida e á falta extrema de materias primas. E no emtanto tirou um partido admiravel do pouco de madeira e de ossos que a Natureza pôz á sua disposição. O seu harpéu, cuja parte superior se destaca automaticamente para deixar fluctuar a madeira, é uma maravilha de habilidade.

Os habitantes da costa oriental da Groenlandia estão, ha cerca de mil annos, separados das tribus da sua raça que povoam a costa occidental e as vastas regiões do norte do Canadá. A travessia da peninsula é impossivel a homens que não disponham de um equipamento perfeito e as tempestades continuas e as barreiras de gelos fluctuantes do cabo FareWel, tornam impraticavel a viagem por mar, pe-

lo sul, nos barcos indigenas.

Depois que os primeiros emigrantes ha dez seculos, abriram passagem, evidentemente pelo norte, a separação foi completa entre elles e o resto da sua raça. E no emtanto os costumes são identicos aos dos seus longinquos parentes e assim a lingua complicada, differente de todos os idiomas europeus e asiaticos, mas muito logico, com regras grammaticaes que não apresentam nenhuma excepção. Assim tambem a musica, muito extranha, toda vocal, pois o uni-



UM CURIOSO INSTANTANEO

Num jogo de foot-ball, a bola está segura ao mesmo tempo pelo pé de um jogador. pela cara de outro e pela mão do terceiro.

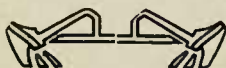
co instrumento é uma especie de tambor que acompanha o canto num rythmo sempre diferente.

O doutor Leden trouxe dessa musica, cuja gamma e intervallos differem inteiramente dos nossos, varios discos phonographicos, que são documentos preciosos.

Os costumes de todas essas tribus são muito simples e tão serios que não ha alli tribunaes nem policia. A religião apresenta uma

theogonia complicadissima, cujo chefe é um ente feminino, Nudliajok, mãe de todos os homens, que, depois da morte destes, manda os bons para o paraíso, no fundo do mar, «lá, onde ha calor»

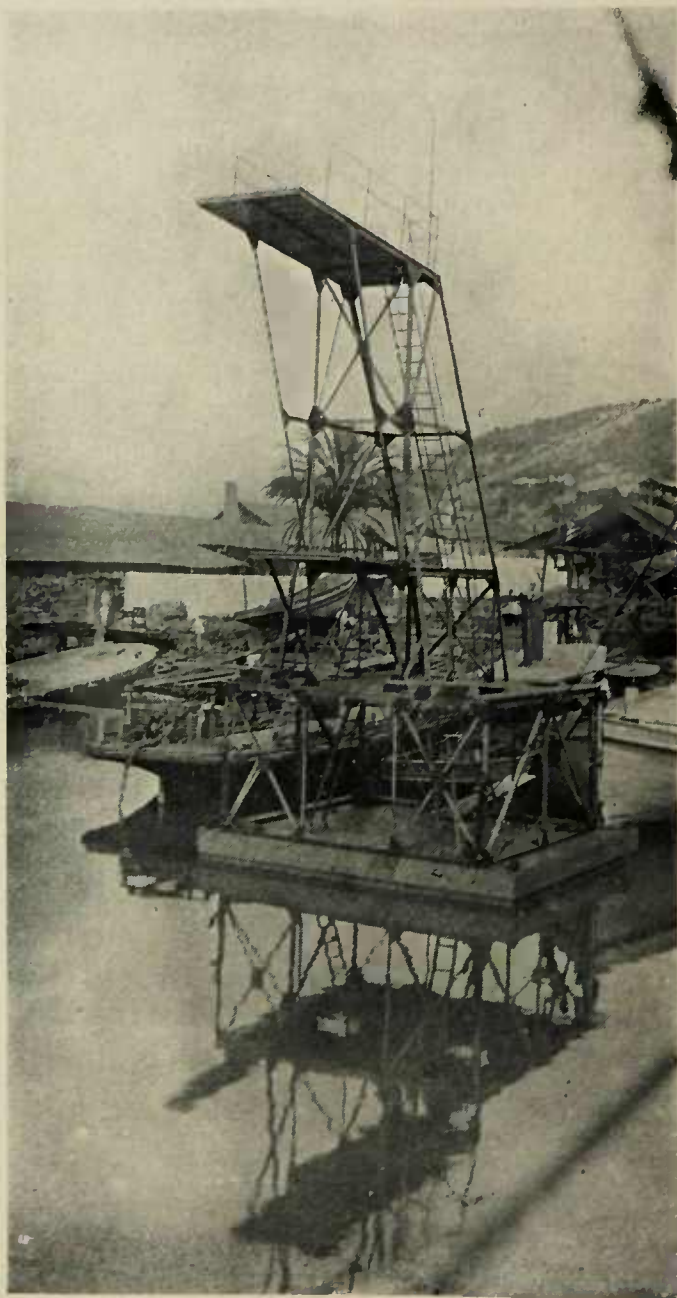
Pathetica aspiração de uma raça cuja vida se escôa na luta contra o frio e que procura o seu céu no fundo do mar, ao passo que envia os máus para um inferno collocado no alto, nas regiões geladas do ar...



UM TRAMPOLIM MODELO

Paralelamente ao innegavel desenvolvimento dos sports em nosso paiz, verifica-se o natural desenvolvimento da nossa industria nesse ramo de actividade. Ainda agora acaba de construir a firma Prado Peixoto & C., desta praça, o solido e elegante trampolim cuja photographia aqui estampamos, feito especialmente para a Liga dos Sports da Marinha.

E' um trabalho que constitue um precioso documento para a competencia do pessoal dos estaleiros daquella firma, capaz, por si só, de elevar ás maiores alturas o nome de uma casa.



America

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

ARTE - MODA - CINEMA - SPORT

DIRECCÃO DE SYLVIO FIGUEIREDO

ANNO I

Rio de Janeiro, Outubro de 1923

Nº. 2

O RITUAL DA BELLEZA



A poesia é o ritual da beleza, a liturgia do espirito. O verso, que a encerre, a idéa que a contenha, tem o poder de um evangelho e a graça angelica da pureza: crystaliza o pensamento, diviniza o ser e integra-o na harmonia universal do Cósmos. Um verso integral, perfeito, canta, illumina e perfuma, porque vóá, brilha e floresce... O poeta, quando realiza o seu dom prophético, viola o segredo impenetravel da vida e da morte, desvenda o mysterio do Absoluto, penetra os circulos do Inconsciente, porque se torna um agente da Verdade, uma irradiação do Infinito.

A poesia, como energia da alma, possui o tacto subtil dos cegos, que *vêem* pelo som e pelo olfacto: é a sublime insciencia das forças eternas, o sorriso luminoso da especie, a levitação do homem, a sombra imponderavel que se confunde e se completa na fluidez do espaço, como si fosse um punhado de rosas desfolhadas ao sopro de uma rajada ou uma theoria de aves que remontassem ao céu, á maneira de um bando de pensamentos...

A poesia, enfim, concentra a suggestão augural dos symbolos, a musicalidade reinota dos mundos, o gyro vertiginoso e imperceptível das esferas: capta as ondas sonoras do Ether, guarda o incenso das nuvens, retém, no pistillo das estrophes, o pollen do Verbo fecundador, força genesica do Orbe, captando o rythmo da eternidade.

Gabriel Alomar, perscrutando o sentido novo da poesia, decifrou o mais hermetico de seu prestigio incomparavel:

«Sobre el rebaño innumerable de los hombres a través de los tiempos, los poetas se dan la mano transmitiéndose la sagrada copa, copa

de una comunión o coparticipación en un solo y único misterio. Son heridos de la batalla eterna, condenados a ensanchar sin tregua la propia llaga, para indagar de las sensaciones más intensas del dolor el sentido incógnito de la vida.

Esconden delicadamente sus palabras en hemistiquios; las juntan, como arcada de bóvedas soberbias, en el grupo solemne de las estrofas, que avanzan como un coro helénico; o las acoplan con arte sutil en la ligazón espiritual de la rima, porque la Música es el primer movil del sentimiento, y cada melodia familiar guarda entre pliegues invisibles de su manto la memoria de una emoción vital del hombre. La Poesia es la unica religión permanente, superior al impetu del tiempo, al vuelo de las horas, al paso desolador de las centurias».

Miguel Rasch Isla bebe nessa taça, numa libação com as musas.

Em *Cuando las hojas caen*... seu ultimo livro, o grande poeta da Colombia mantém a realza do verso, cultuando a belleza, com o fervor mystico de um asceta do sonho.

O titulo de sua obra preciosa define-a:
...un cambio, cual de savias, dentro del pensamiento,
y un caer, como de hojas, dentro del corazón!...

E' que elle, como todo iniciado, sabe exprimir, na linguagem suprema do rythmo, o divino sortilegio da poesia.

Lirico ultra sensível, imaginação feraz, potencialidade creadora e esthetica, sabe cantar a mulher, tecer o elogio da amada, com o viço de um epithalamio, sem destoar nem pender para a vulgaridade. E no *Retrato*, soneto que tem o encanto de uma visão pre-raphaelica de Dante Rossetti, pinta-a com maestria, revelando toda a pulchritude que irrompe de sua sideral presença:

Y para que el semblante no atedie con su fria palidez, una sombra rompe en el la armonía, un lunar excesivo sobre el cutis de perla.

*Es la falva que abona lo feliz del diseño;
lo que hoy de humano en ella; es tan solo un
des'iz, porque la mano de Dios tembló al hacerla.* [pequeno]

Depois, uma nuvem, que é o sonho alado das agoas, surge-lhe e fal o estabelecer uma estranha afinidade com a sua vida incerta e vaga, exclamando:

Tus éxolos son de ave; tus vaevas de proa.

Que espera ella? Diluir-se. Elle, que aguarda? Morrer...

A uma onda interroga:

dónde estará la playa, dónde estará el recodo tranquilo en que podamos sin morir reposar?

Mas a sua ancia persiste, porque o poeta é o rhapsodo de todas as almas que soffrem a nostalgia das vidas anteriores. E contemplando uma es'rella, murmura de si para consigo, numa confidencia com o astro solitario e indifferente:

desde la tierra inmóvil: ¿jijo en ti las pupilas con una inefinible nostalgia s'dera?

Em *Momento Musical* o mesmo requinte de esthesia. Rasch Isla, depois, em *Sueño de Artista*, tem o surto de um condor.

No admiravel soneto *Idilio Matinal*, descreve, como numa aquarela, o amor de duas

miriposas, fixando, com uma tessitura de desenho japonéz sobre seda, o contacto de duas vidas inferiores, lembrando a magia de um Michelet, que rimasse o seu culto da natureza.

E as folhas caem... folhas de arvores augustas. Os versos são folhas soltas que se desprendem da arvore da vida, o cerebro. E destas, uma, na sua queda, tal como uma expansão membranosa do ramo de uma planta, traça o destino fúlguro de uma estrella cadente:

El viandante

Vengo desde lo ignoto; traigo herida la planta, mancillado el ensueño y el ideal marchito; de los mágicos valles del amor soy proscrito; mi bordón s lo polvo de recuerdos levantu.

En mí ninguna claridad se adelanta, y a solas en la noche, desolado y contrito, con ejemplo con mirada de estupor lo infinito, y mi duda, en preséncia del azur, se agiganta.

Mi taciturna frente ya quíueras no forja; roto está, cual la malia, de mis sueños, mi vaso; leve, como la huella de mis pies, es mi alforja.

En mi rostro ceñudo la fatiga se advierte, y prosigo la marcha y aligero mi paso, a ver si al fin consigo no andar más, en la muerte

Rasch Isla, com a sua lyra de ouro, canta á maneira desses peregrinos, que seguem, pela vida, com os olhos voltados para as estrellas...

Saul de NAVARRO



Sacha Guitry pintor

Depois de escrever peças como *Comédiantes*, *Deburau*, *Pasteur*, Sacha Guitry deve ter também exclamado: «Anch'io s'no pittore». E pôz-se a fazer, com successo, uma serie de quadros e de caricaturas, o que o não impede de voltar, de quando em quando, a crear novos papeis para o seu pai, o actor Lucien Guitry.





QUE PERGUNTA!

ELLE — Porque é que pintas a cara assim ?

ELLA — Hom'essa! Qué que querias que eu pintasse ?!



As praias new-yorkinas galerias do "chic"

Westchester-Bilmore, a praia aristocratica de New-York, converteu-se, apenas começou o verão, em um vivo mostruario de modas...

A luz dourada dos crepusculos caniculares, sobre a fina areia em que pisam as banhistas mundanas, se estende um longo tapete de cores alegres e por elle desfilam elegantemente os manequins vivos...

Nas tribunas e deante dellas, uma multidão enfeitada e frivola na qual se salientam as «girls» desportivas e caprichosas da 5.^a Avenida e os grandes financeiros, os afortunados imperadores do ouro, admira a exhibição das toilettes em que a fantasia dos modelos e dos costureiros, se compraz em imaginar estilizadas creações de sedas e de gazes para realce do eterno feminino...

E nas tardes claras e cheias de sol, em frente a esmeralda verde do mar que entõa os seus arrulhos millenarios, a praia dos banhos tónicos e hygienicos se transforma em galeria do «chic»...

As modas simples e estilizadas de Paris, os modelos audazes que se langam em Long-champs, os penteados rigorosos e singelos da Londres nobre e desportista, o atrevimento dos modistas newyorkinos, se apresentam na praia mundana no mostruario magnifico e claro, que lhe empresta a natureza, rendida ao feitiço do clima canicular...

E assim se compõe uma mistura magnifica em que se harmonizam as vibrações da luz natural e as alegres cores dos vestuarios em que a arte poz sua amavel subtilidade...

O ar embalsamado de fragancias iodicas, acaricia as figuras que sobre o tapete passeam suas toilettes inéditas...

E de longe, o mar, encrespando-se em ondas infinitas, faz avançar para a praia seus moveis esquadrões empenachados de espuma, e, ao desfazer-se brandamente na areia, assemelha-se ao corteção galante que vem render aos pés das bellezas uma rythmica e madrigalesca homenagem...



AS LOURAS DO CINEMA

Claire Windsor possui uma linda cabeleira loira, de um ouro tão puro, que um fazedor de madrigaes seria capaz de compará-la à... Califórnia (quando tinha ouro).

OS PENTEADOS

MODERNOS



A idéa de formar personalidades pela moda, de não confundir es typos, encontra tambem êcho no que se refere ao penteado.

Depois do imperio quasi universal das «americanas», hoje usadas somente pelas mocinhas, pela razão de só a ellas serem convenientes, a moda procura, por todos os meios, convencer a mulher da necessidade de fazer um penteado *para si*, para dar mais caracter e força ás suas feições e luz mais intensa aos seus olhos.

Esta tendencia não pôde ser mais acertada, uma vez que nada contribue tanto para a formação de um typo de belleza, como o modo de dispor os cabellos.

E difficilmente poder-se-á encontrar uma fôrma de penteado que favoreça a todas igualmente, nem mesmo a numero reduzido.

Os adornos lançados por alguns modistas facilitam muito a tarefa de encontrar a maneira de pentear se bem.

A pluma acaricadora, o «bandeau» severo, a ingenua grinalda, os diademas ruilantes, são outros tantos factores da belleza que a mulher deve aproveitar para, com elles, crear um typo que revêle e affirme sua individualidade esthetica...





UM HESPANHOL "AZ" DA DANÇA
EM NEW YORK

ESTEVAM CORTIZAS, consagrado "AZ" da dança em New York, elevou os habeis frejeitos e contorsões do tango CRIOLLO à categoria de sacerdocio artistico.

Nas matinées e soirées aristocraticas dos principaes theatros e durante as madrugadas nos "dancing", dos hoteis de mais nomeada, o hespanhol "Cortez" é o "AZ" da dansa moderna, na qual, como reminiscencia da patria distante, se apresenta vestido com a originalidade e o luxo arbitrario e convencional de um desses andaluzes de ch'omos que enfeitam as caixas de passas de Malaga...

COMPANHIA CONSTRUCTORA DE SANTOS

ENGENHEIROS, ARCHITECTOS E CONSTRUCTORES



MONUMENTO DOS ANDRADAS — SANTOS

SÉDE:

Praça Mauá, 25 - SANTOS

ESTADO DE S. PAULO

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 222

.....

FILIAES:

Em S. Paulo - Rua Bôa Vista, 16

End. Teleg. "CONSTRUCTO" — Caixa Postal 1264

TELEPH. CENTRAL 4381

~~~~~

No Rio de Janeiro

Avenida Rio Branco, 35-A

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 607

TELEPHONE NORTE 675

Capital — 3.000:000\$000

Fundo de reserva — 300:000\$000

.....

Officina de Serraria, Carpintaria, Mechanica, Fundição e Britador.

.....

Grande fabrica de ladrilhos e manilhas de cimento.

.....

## Secção de Transporte

.....

Especialistas em construcções de habitações de luxo e economicas.

.....

Construcções em cimento armado

.....

Organizam plantas, projectos e orçamentos



EDIFICIO DA BOLSA DO CAFÉ — SANTOS





## O HIPPOPOTAMO

A Carlos Maul

Sob o baobab que pende ao Senegal e o enruga,  
Lerdo e rotundo, o olhar de apathico, descansa  
Na riba o pachyderme; á pressa, como em fuga,  
Trochylus, ao vae-vem, da ribanceira á frança,

Desaggregam-lhe ao dorso o verme e a sanguesuga...  
Dardeja o sol de fogo a aurifulgida lança,  
E, dos seus golpes de ouro, o amphibio o passo estuga...  
O ventre quasi a rasto, em busca d'agua avança;

Calca á riba a nymphéa, os inguefos destouca;  
E ao sol que n'agua accende os fulgores de joia,  
Cerebro deprimido, enorme a horrenda bôcca,

A lembrar de outra fauna os typos mais remotos,  
O colosso africano, o hippopotamo boia,  
E ao Senegal devora a floração de lotos.

Ibrantina Cardona.

(Do llvro "Kosmos", no prélo)



### OS VESTUARIOS INFANTIS

Quatro esplendidos figurinos para os pequeninos "homens de amanhã" Os desenhos e ornatos revelam o bom gosto moderno desse genero de indumentaria.

### FRAGMENTOS DE PHILOSOPHIA

Nunca, como hoje, foi tão difficil prever a proxima orientação do mundo. Certas descobertas scientificas têm sobre a vida dos povos uma influencia muito superior á que exerceram outr'ora a sêde de conquistas, os conflictos religiosos e as ambições dos reis.

O heroismo pôde salvar um povo em circumstancias difficeis, mas é a accumulção diaria de pequenos esforços que faz o progresso.

Todas as descobertas da psychologia tendem a demonstrar que a historia classica é a narração de acontecimentos tão incomprehendidos pelos seus autores como pelos escriptores que os contaram.

A injustiça bem aproveitada depressa se transforma em justiça.

Gustave LE BON.

**Seja pratico e economico**

**Tingindo em casa com**

**GERMANIA**

**A rainha  
das tinturas populares**



## O ponto de vista infantil

As crianças são pessoas pequeninas e os pequeninos factos parecem-lhes importantissimos porque estão na sua escala. As grandes coisas, pela sua desproporção, não lhes despertam interesse.

Contavam um dia a um pequeno o naufragio de um navio um plena dóca: a guarda no trabalho, o capitão na sua cabine a escrever e o navio deitando-se depois sobre o flanco. O menino, olhos muito abertos, escutava religiosamente. Depois exclamou:

— Imagino como ficou tudo sujo!

— Como, assim?

— Ora! Quando o tinteiro entornou!

Assim a menina a quem uma vez perguntaram o que mais a havia interes-

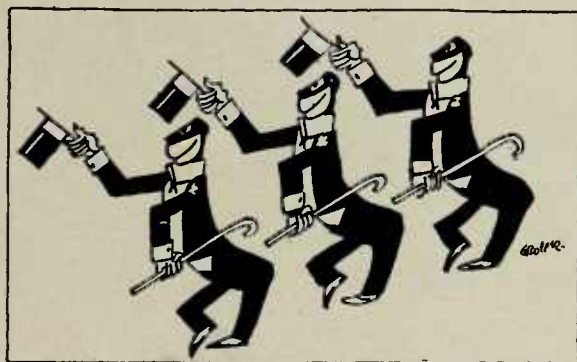
sado numa travessia de Paris em barca. Os céas e a sua actividade, as pontes, o rio? Não. O mais curioso para ella tinha sido a vista de um cão afogado que boiava...

A criança só percebe o detalhe. O conjuncto é muito grande, ella o não vê.

A miseravel constituição physica, moral ou intellectual da maioria dos homens provém, sem

duvida, de se concluirem usualmente os casamentos, não por escolha ou pura inclinação, mas por considerações exteriores de toda especie e segundo circumstancias accidentaes.

SCHOPENHAUER



## A NOSSA CAPA

O desenho primoroso da capa deste numero de AMERICA, devemol-o ao lapis elegante de Jefferson, o admiravel illustrador patricio, que tem o dom invejavel de apresentar em cada trabalho uma novidade que é um encanto para os olhos e para o espirito.

E' esse o melhor elogio que, a nosso ver, se póde fazer a esse artista perfeito cuja nomeada provém do esforço e do talento com que elle se consagra, entre nós, á arte difficil da illustração.

Aos jornaes da Capital e dos Estados, a Direcção de AMERICA manifesta a seu profundo reconhecimento pelas captivantes e animadoras palavras com que noticiaram o apparecimento deste magazine.

## Calixto Cordeiro

Não poderíamos dar melhor noticia ao nossos leitores: Calixto Cordeiro, o grande artista que tem um passado de glorias na arte brasileira, inicia no presente numero de AMERICA a sua collaboração, com uma charge em que não se sabe o que mais apreciar: si o humor adoravel da idéa, si a elegancia e a correcção do traço.

E' excusado qualquer encarecimento da aquisição soberba que fizemos, tratando-se, como se trata, de um illustrador capaz de rivalizar com os mais vigorosos artistas estrangeiros.

Calixto Cordeiro já nos prometteu a illustração da capa para o nosso terceiro numero.



### ASPECTOS DO BRASIL

Uma colonia de pescadores em Cubatão, posando em frente á respectiva escola.

**A** CABA de sahir, em bella edição de Benjamin Costallate Miccolis o novo livro de Carlos Maul, intitulado: *A intriga entre o Brasil e a Argentina.*

Nessa obra o escriptor patricio estuda diversos aspectos das questões que perturbam a cordialidade entre as nações de Continente, e aponta os rumos para uma acção de fraternidade larga e duradoura.

E' um livro que merece ser lido e meditado pelos bons americanistas.

---

— Muito devo áquella senhora que alli vai.

— E' sua bemfeitora ?

— Não. E' a modista de minha mulher...

---

A humanidade não chega até onde querem os idealistas em cada perfeição particular; mas ultrapassa sempre o ponto aonde teria ido sem o seu esforço. — INGENIEROS.

## AMERICA

### EXPEDIENTE

Numero avulso:

Na Capital      \$500 Nos Estados.      \$600

—  
E' nosso representante na cidade de Santos o Sr. José Espindola Teixeira.

—  
E' nosso agente geral para o Estado de S. Paulo o Sr. Antonio de Maria. (Rua da Boa Vista, 5-A) a quem se devem dirigir os Srs. agentes de revistas das cidades do interior daquelle Estado que desejarem receber este magazine.

—  
E' nosso agente na cidade de Santos o Sr. Paiva Magalhães, cujo estabelecimento é conhecido nessa importante cidade paulista.

—  
Redacção. Rua da Quitanda, 157, 1.º andar  
RIO DE JANEIRO



## UMA ENTREVISTA RÁPIDA COM SANTOS CHOCANO

*Renovacion*, o esplendido boletim mensal de idéas, livros e revistas da America Latina, que se publica em Buenos Aires, num de seus ultimos numeros, trouxe a seguinte entrevista com o insigne poeta Santos Chocano, a maior gloria viva do parnaso do Novo Mundo:

— Sua concepção sobre a beleza?

— Penso como Nietzsche que a belleza é mediterranea: vale dizer pagã. Melhor ainda: grega. Emoção pura, expressão clara. Venus é loura: rosa, marmore e ouro. O Christianismo trouxe a tristeza, o mysterio e a inquietude. Em nossa America, a belleza é feita de claridade e melancolia. Assim é que eu a aprecio.

— Sua concepção sobre a vida?

— Mysterio e theatricalidade. Para commigo mesmo, sabe-me ella como um arcano; para com os demais, tenho-a por um desporto.

— Em que consiste para o Sr. a felicidade?

— Na satisfação de todos os desejos, que constituisse a quietude do espirito. A verdadeira felicidade é contemplativa. Sómente a têm apreciado os mysticos.

— Qual é a sua idéa na vida?

— Poder realizar a minha Obra de Arte por completo, em plena certeza de sobreviver. Na vida, como ideal, deve ter-se algo que tenda a perpetua-la.

— Si não fosse poeta, que preferiria ser?

— Pintor á maneira de Velasquez.

— Qual é a personagem historica que mais admira?

— Não seria sincero si respondesse com um nome. Solicitam minha admiração por egual: Colombo, o inspirado, Socrates, o reflexivo, Napoleão, o Conquistador, Bolívar, o Libertador... O mais digno, quiçá, de admiração seria São Francisco de Assis, mas assim mesmo estou longe do desejo de trocar a minha vida pela sua.

— Qual é o heróe da vida actual que prefere?

— Sem duvida que Gabriel D'Annunzio, que é Poeta em acção e reclama, para o *sport* com que vive a sua vida, o marco do Renascimento.

— Qual é, para o Sr., o maior escriptor da prosa?

— Pela concepção, Cervantes; pela execução, Flaubert.

— Qual é o seu livro predilecto?

— «As mil e uma noites».

— Qual o seu maior prazer?

— A leitura.

— Sua aversão particular?

— O ruido.

— Que pensa o Sr. de sua obra?

— Que tem todas as qualidades e todos os defeitos de minha raça. Portanto, é sincera. Sendo bella, não resta duvida, então, de que perdurará. Si viver mais vinte annos, a completarei. Nos primeiros vinte, passei pela minha Edade de Pedra; nos vinte depois, entrei na minha Edade de Ouro; e sinto-me agora necessariamente maduro e afinado para iniciar a minha Edade de Diamante. Assim seja!

— Qual é o seu lemma?

— O do meu escudo familiar: «O encuentro camino o me lo abro.»

## CANICULA

Muita gente, capaz de pronunciar dez vezes ao dia as palavras «canicula», «canicular», ficaria embaraçada si lhe perguntassem a origem dessas expressões. Pois é simples: canicula vem de uma estrella da constellação do Cão, Sirius, a mais brilhante de todas. Os antigos, especialmente os egypcios, que attribuiam ás estrellas uma consideravel influencia, acreditavam que o apparecimento da constellação do Cão é que trazia os dias mais quentes. Os dias caniculares marcavam no Egypto o começo do anno e eram o pretexto para grandes festas de caracter sagrado. A crença desapareceu mas a palavra «canicula» foi conservada.



Um rei pescando, caçando, montando a cavallo ou ouvindo missa é coisa banalissima. Os reis modernos gastam nisso meia existencia; a outra metade da vida elles a levam a comer, dormir, governar e outros mysteres. — DICENTA.

# SACRIFICIO

CONTO

**P**ARA uns era um monstro de egoismo e de frieza: para outros, um sabio profundo que sabia para onde ia, a quem os eunuchos e os superficiaes não ligavam importancia. Para outros, enfim, era um homem, no sentido mais nobre e amplo do vocabulo.

Diziam os primeiros, ao vel-o passar a uma distancia que lhes não offercia perigo:—Alli vai com toda a elegancia e toda a displicencia, o pai que assassinou o proprio filho...

Os segundos se limitavam a dizer intimamente: — Esse homem não saberá onde põe o pé, mas sabe o que foi, o que é e provavelmente o que será o seu espirito. Os ultimos acrescentavam: — Pensará muito, porém melhor e com mais sciencia.

E si encontrarmos num homem um grande coração antes de um grande cerebro, vangloriemo-nos d'elle, pensando naquelle homem da legenda, que conduzia todo um povo através de uma floresta sinistra, sob uma noite eterna; e como o povo duvidára do seu salvador,

este arrancou do peito o coração e com o coração erguido á maneira de archote, chegou á terra prometida. Ahi entristeceu-se e morreu, e os outros homens partiram o seu coração e cada fragmento foi uma particula de ouro e de luz...

Passavam pela casa do doutor Oman todas aquellas almas de algum modo soffredoras, e todas eram por elle consoladas. Elle collocava num mesmo plano os obreiros e os poderosos.

Trabalhava esforçadamente uma noite, no seu laboratorio, quando Badel, o seu intimo amigo e companheiro de estudos, lhe trouxe a noticia de que o seu filho Hygino acabava de assassinar um homem, num *cabaret* de luxo. Motivos? Os mesmos de sempre: o alcool, as mulheres... O sabio ficou alguns instantes pensativo; depois, sem affectação, sentenciou gravemente:

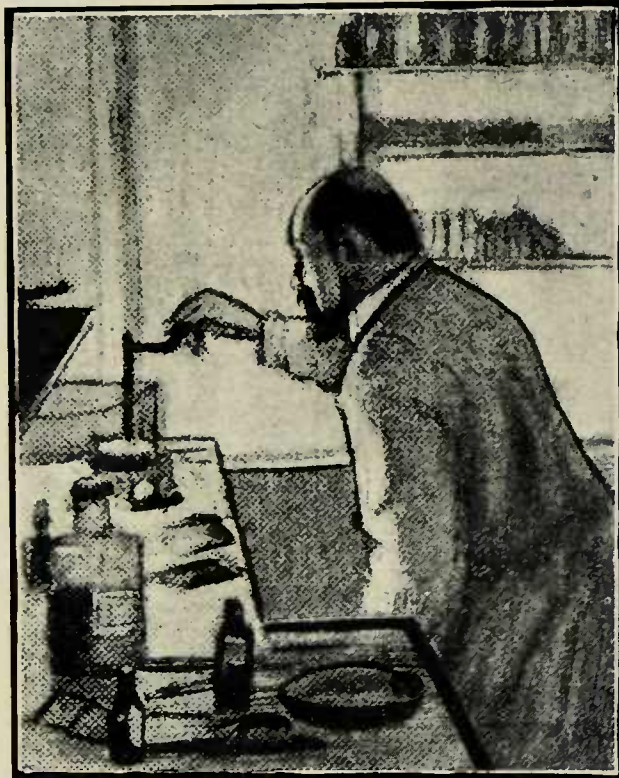
— Cadeia, caso perdido... Sim, ponham-n'o na cadeia...

— Mas, Jayme, como podes falar assim, tratando-se do teu unico filho homem, a quem sempre quizeste acima de tudo? Estás em teu juizo perfeito? Reflecte, é preciso. O rapaz não deve e não pode ir para a cadeia! Além disso, não o ju'go culpado; um impulso, circumstancias especiaes... as mulheres, o alcool, a mocidade... Sabes o que isso é? Sem duvida. Pois então? Uma palavra tua ao deputado Freitas, um telephema ao senador Alzaga Gómez. O teu prestigio é enorme; diante da tua vontade não haverá juiz

inflexivel nem porta de cadeia que se não abra...

— Cala-te! Não darei um passo, não pronunciarei uma palavra para attenuar a sua condemnação, nem entrarei em tratos com homens influentes. Hygino é um caso perdido.

Não acreditas? Serás forçado a isso. Luctei sem descanso durante vinte e cinco annos, com toda a fé e todo o amor de que é capaz um medico e um pai, para desviar um filho da inclinação ingenita ao mal e ao delicto, e foram vãos todos os meus sacrificios... A semente





cahiu sobre a pedra dura... Já vês... Tinha de ser: percorreu a orbita que lhe estava traçada. Foi a principio um menino voluntarioso e cruel, depois um adolescente vaidoso e folgazão, mais tarde um pessimo e pretencioso estudante. Depois abandonou os estudos e frequentou Florida, o hippodromo e os *cabarets*. Trahiu a amizade e zombou do amor materno e filial, empenhou joias olheias, falsificou firmas de chéques, e por fim... roubou. Faltava a apotheose do crime e acaba de assassinar. E' um caso perdido, perdido!

-- Perdido, não; dize antes: desesperador!

— Dá no mesmo...

— E' irrevogavel a tua decisão?

— Irrevogavel!

— Em nome da nossa amizade nunca desmentida, eu o salvarei então.

Até breve, Oman!

— Até sempre, meu nobre amigo!

E aquelle homem, que en carnava a lealdade e o nobre espirito de sacrificio, afastou-se, estrangulando um soluço. De caminho pensava que Oman era um espirito superior, que procedia talvez como um semi-deus que administrasse justiça sem cuidar de dogmas moraes nem de lamurias mulheris. Mas, apezar de tudo, havia de fazer qualquer coisa pelo desditoso Hygino, afim de que este, embora assassino, não apodrecesse num cárcere como uma vil carcassa humana!

\*\*\*

— Promessas de emenda! Ora! Muito bonito isso, joven Hygino! Uma pantomima mil vezes repetida... Sim, um homem póde cair muito, descer até á propria abjecção e no entanto conservar-se homem, não humilhar-se nem estar disposto a isso. E ainda queres fazer-me a affronta de possuir um filho que se esquece da sua elevada condição de homem para implorar misericordia a um pae a que nunca respeitou nem amou? Si ha um ser pensante além da esphera terrestre, devem repugnar-lhe os homens que se arrastam e claudicam sem cessar. Quem é incapaz de se superar a si proprio, deve afastar-se da familia humana pela porta da covardia maxima.. Comprehendes?

Hygino fez com a cabeça um signal affirmativo; o doutor Oman continuou a passear pelo gabinete, digno, magnifico, sem nervosismos, como convém a um pai erigido a juiz de um filho aviltado.

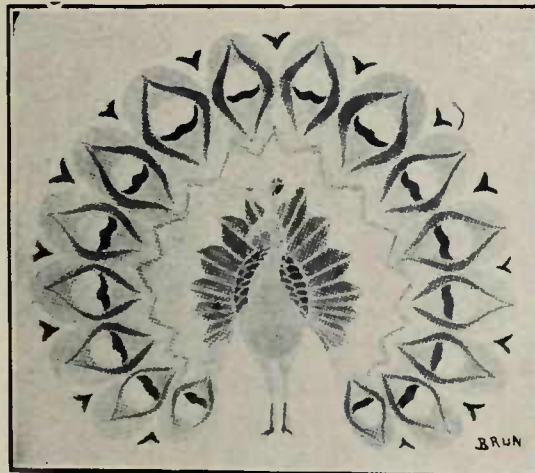
Reinaram durante minutos, um silencio e uma expectativa. Hygino rompeu-o, dizendo em voz baixa, em que vibrava uma dôr profunda:

— Tenho a sensação de haver vivido muitos seculos em poucos dias. Tudo me parece um sonho... Uma scena de sonho, o momento em que baleei, no *cabaret*, o meu melhor amigo, e aquelle em que, antes de morrer, elle me disse: «Eu te perdôo...» E ella, a mulher mercenaria que nos enganava a ambos... Sim, tudo passou como um sonho pavoroso... Depois, o cárcere, a sombra e o remorso... E tu, meu pai, abandonando-me á minha propria sorte... E o outro amigo fazendo tudo para dar-me de novo a liberdade. Tudo como num pesadelo... Não era preferivel a prisão á tua impassibilidade, ao teu desprezo? Porque não me matas ou não me indicas o meio de desaparecer sem envolver o teu nome numa nova infamia? Fala, doutor Oman; já me sinto homem, pois m'o ensinaste a ser...

E acabou chorando amargamente como um menino a quem não se perdôa uma falta grave. O pai, depois de uma larga pausa, falou:

— Um meio para desaparecer correcta e cortezmente, não como quem deixa uma vida de vicio e de libertinagem, mas como quem sáe de um elegante salão de baile? Tu confundes as situações, Hygino... Não importa; tratemos de procurar uma sahida já não direi elegante, ao menos razoavel. Vamos ver si te agrada algumas das duas propostas ou caminhos que

te vou indicar. Devo explicar que não se trata de endireitar uma vida, mas de *faz-la* nova, deslumbrante. Eis o primeiro caminho: a fazenda! Bem sei que a esta simples palavra sentes um invencivel asco e uma atroz repugnancia. E' logico: lá está o bando... os assassinos de punhal e pistola... Reinam a ignorancia, os mosquitos e os animaes venenosos proliferam, as mulheres são ordinarias e os homens patifes e estupidos. Nem um hippodromo, nem um *cabaret* nas proximidades, nem a menina de talhe flexivel e provocador; a roleta tambem longe... Mas, perto, o céu puro, a manhã radiosa e a philosophia dos animaes pacificos. Trabalhar nos campos, enthesourar saude para o organismo e sentimentos puros para o espirito. Que sei eu? E si gostas das proezas dos «cow-boys» de cinema, poderás montar um bello cavallo, armado de boas pistolas... O scenario é vasto e régio. Mas sempre sem pedir nem dar coisa alguma



a ninguém, vivendo do teu trabalho como o mais humilde peão, até que sejas capaz de viver a vida nova da honra e da saúde. O outro caminho é mais lyrico e metaphysico: podes chegar por elle a ser um grande conductor de povos, ou um simples mordomo...

Tudo depende das tuas aptidões, do modo por que encares o mundo. Trata-se de embarcar num navio que parte amanhã para a Europa, sem outra bagagem sinão os tuas illusões e sem outros haveres mais do que o teu passaporte. Que tal?

— Si apenas ha esses dois caminhos, amanhã tomarei um. E ella? Sabes o quanto me ama? Não poderia viver sem mim; conheço-a e sei que se mataria. E' essa morte...

O doutor Oman comprehendeu a allusão e sarcastico:

— Não serei eu, nem ninguém, que hade carregar na consciencia o remorso de haver provocado a morte da loura Alice Fons. Ella saberá consolar-se no dia em que deixares de mostrar-lhe a tua fortuna. Fica tranquillo quanto a isso, Hygino; essa categoria de mulheres finas e elegantes como a tua Alice nunca perdem a cabeça pelo ultimo imbecil por quem se deixaram conquistar...

\*\*\*

Nessa noite, ao deitar-se, o joven Hygino teve o cuidado de examinar bem a pistola. Todas as balas estavam no lugar. Excelente! Um leve sorriso illuminou-lhe o rosto pallido. Sabia que no dia seguinte não tomaria nenhum dos caminhos que generosamente lhe indicára o seu velho pai. Não se sentia capaz de ser heróe, nem siquer ho.nem; o futuro apparecia-lhe como um monstro apocalypticó e decidiu-se pelo caminho que não assusta nunca os covardes, pelo caminho prohibido aos sabios e aos que de algum modo se sentem homens e a quem não attráe a sereia de um fragmento de chumbo...

\*\*\*

Alice vive ainda e cada dia está mais deliciosa. Si alguém lhe pergunta porque tão depressa substituiu no seu coração Hygino Oman por Homero Vidal, ella, com a graça propria das deusas olympicas, responde:

— Não sei... não sei! Hygino era bom e ás vezes até intelligente. Mas eu o achava um pouco pateta, coitado!

J. V. Mansilla

.....

A alegria dos velhos é um mandamento para a vida. — GRAÇA ARANHANA.

## A "CASA BRANCA"



«Casa Branca», cujo nome official é *The Executive Mansion*, é a residencia do primeiro magistrado dos Estados Unidos e está situada numa elevação de terreno, num quadro de verdura, a alguns minutos do Capitolio, cujo parque se confunde com os seus jardins, á margem do Potomac. E' tão modesta, que muitas vezes se têm feito zombarias sobre a sua simplicidade. Edificada em 1792 para Washington, por um irlandez estabelecido em Charleston, Carolina do Sul; que se inspirou no palacio do duque de Leinster, em Dublin, a Casa Branca foi em 1814 destruida por um incendio, e logo depois reconstruida sobre os mesmos planos e com as mesmas pedras amarellas pintadas de branco. E' uma bella morada mas não possui nada de particularmente artistico. A fachada sul é em fórma de columnata semi-circular e o tecto cercado de balaustres. No vestibulo altos espelhos reflectem os retratos de todos os presidentes, desde John Adams, que foi o primeiro. Alli se encontra o de Monroe e a alta figura de Washington, coroada de louros e cercada de trophéos, com a de Lincoln a fazer-lhe *pendant*. As recepções têm logar no salão azul. Mais adiante está o salão verde, depois o vermelho, muito intimo, cheio de *bibels*. Roosevelt fez augmentar a sala de jantar, que pode receber cem convivas. No primeiro e unico andar estão os escriptorios e aposentos privados e a bibliotheca que conta 7.000 volumes e cuja mesa é feita com a madeira do navio *Resolute*, enviado em 1852 ás aguas arcticas, á procura de John Franklin. As suas estufas são afamadas. A Casa Branca é accessivel a todos em certos dias em que o presidente está *at home*. Qualquer cidadão americano póde entregar o seu cartão: um secretario particular o recebe e faz entrar. Por fim, uma tradição amavel: a segunda-feira de Paschoa; para gaudio das crianças de Washington que se espalham pelos jardins, os ovos de todas as cores são collocados ao longo dos gramados.

.....

*For um de cobertas* nos sepulcros egypticos harpas cujas cordas se conservaram intactas e soam harmoniosamente depois de um silencio de tres mil annos.





# A DESCOBERTA DO AMERICO

— Colombo? Sei. Ao que parece,  
dedicava-se à avicultura. Tenho ou-  
vido falar muito no ovo de Colombo...



# O ANJO DO LAR

**H**A mulheres que são um peso para a vida de um homem e que só servem para dificultar-lhe a marcha.

Não me refiro ás mulheres formosas ou garridas que, inspirando uma grande paixão, põem em perigo o futuro e a existencia do enamorado. Falo apenas das mulheres communs, das que já têm o compa-  
nheiro para a vida.

E alludo precisamen-  
te ás que amam o seu  
companheiro, áquellas  
que, em determinado  
momento, são capazes  
dos maiores sacrificios  
pelo ente amado. Re-  
firo-me a estas e para  
estas escrevo, que ás  
outras — ás que vi-  
vem sem amor junto  
ao seu marido — na-  
da adianta dizer nem  
ha que fazer em seu  
beneficio.

Mulheres ha que,  
amando e sendo ama-  
das, bem depressa fa-  
zem a vida do lar  
insupportavel para o  
seu marido.

Toda mulher, ao le-  
vantar-se, deve pensar  
como melhor oração  
matutina: «Si o ami-  
do de uma mulher não  
facilita a vida do seu  
amado, para que ser-  
ve?»

Facilitar a vida!  
Deixar de pôr, com a  
rudeza dos gestos,  
com a irritação da  
vóz, com a mesqui-  
nhez dos sentimentos,  
a nota dissonante, as-  
pera, brutal, na melodia da existencia! Facilitar  
a vida equivale a abrandar a morte, porque  
quem viveu sem sobresaltos saberá morrer serena-  
mente... E isso demanda um tão simples, um  
tão pequeno esforço da mulher que ama o  
seu marido!

Ha mulheres que só fazem tornar pesada a  
existencia de um homem. Um exemplo: a que  
tem a mania das enfermidades, dos nervos debi-

litados, isto é, o histerismo, a neurasthenia que  
ataca as mulheres ociosas á força de só pensarem  
em adoecer. As mulheres acabaram acreditando  
que o *chic* é ser nervosa, e com uma incrível  
leviandade confundem nervos debilitados com  
irascibilidade de caracter. E' assim que muitas  
senhoras só têm *nervos* para se eufasiar, para

chorar, para fazer  
alarido e nunca para  
empregal-os em qual-  
quer coisa proveitosa.  
Estas *nervosas* têm  
sempre uma doença  
qualquer, entristecem  
o marido com a nar-  
ração das suas dores  
e si este, que ao prin-  
cipio ouviu pachorren-  
tamente, acaba por  
não fazer caso, recebe  
o qualificativo de máu  
homem, de egoista e  
de sem coração...

Outra, e não menos  
nociva, é a *ambiciosa*.  
eternamente descon-  
tente da sua situa-  
ção pecuniaria, não  
acha bom nada do  
que é seu; nunca se  
acha bem vestida e a  
sua casa nunca está  
apresentavel; hoje tem  
necessidade de um  
movel, amanhã de um  
adorno... O ordenado  
do marido nunca che-  
ga para esses super-  
fluos, porém, ella, co-  
mo *boa dona de casa*,  
economiza e com isso  
arranja a sua casa.  
Um encanto de mu-  
lher! pensa muita gen-  
te, excepto o seu ma-

rido, pois este sabe que a sua economia co-  
meçou pela suppressão da empregada e que ella  
propria cose a roupa, trabalha todo o dia,  
*nervosa*, cansada e não tem tempo para sentar-se  
junto d'elle, com a cabeça apoiada ao seu peito,  
ouvindo-o falar... Por economia não vai ao  
passeio, ao theatro, pelo braço do marido —  
como dois noivinhos — despreocupados e rindo  
de tudo. Não se dá ao luxo de esperai-o um



**As conquistas femininas na Arte**

LA MOUCHE. de Mlle. M. Guillaume. (Salão de Paris, 1912)



dia com a surpresa de uma guloseima. Ambiciosa, descontente, sonha com moveis caros e cama de bronze... «A minha cama é o meu ninho» diz, falando da sua, a mestra das mulheres amorosas, a poetiza Ibarburu'.

Ha ainda a *queixosa*, sempre aborrecida com os filhos, com as criadas e com os visinhos; conta ao marido as manhas do bebé, os estouvamentos da criada e a desfeita que lhe fez a visinha. E o pobre homem, antes de entrar em casa, pensa com horror e em seguida com indiferença em tudo o que lhe vai dizer a mulher e que elle já sabe de cór...

Mas ha outra mais: a *ciumenta*, a ciumenta absurda, que tem visões e vê sombras.

O ciume é para o amor o que o sal é para a comida. Sem elle o amor é insipido; em demasia — como o sal — desagrada e prejudica. O ciume é necessario porque lisongea

o amor proprio do homem. Mas dahi aos extremos da ciumenta, que não acredita na palavra do marido, que entrega a sua imaginação ás fantasias e aventuras, torturando-lhe a vida, vai grande differença. Tambem os ciumes se curam... As mulheres — peso fazem um mal enorme. A's vezes bastam essas mesquinhas para fazerem fracassar a vida de um homem.

Ameniza a vida, mulher, domina os teus nervos, acalma a tua ambição, cura os teus ciumes, sê suave e serena, desinteressada e jovial, que o teu amado t'o agradecerá.

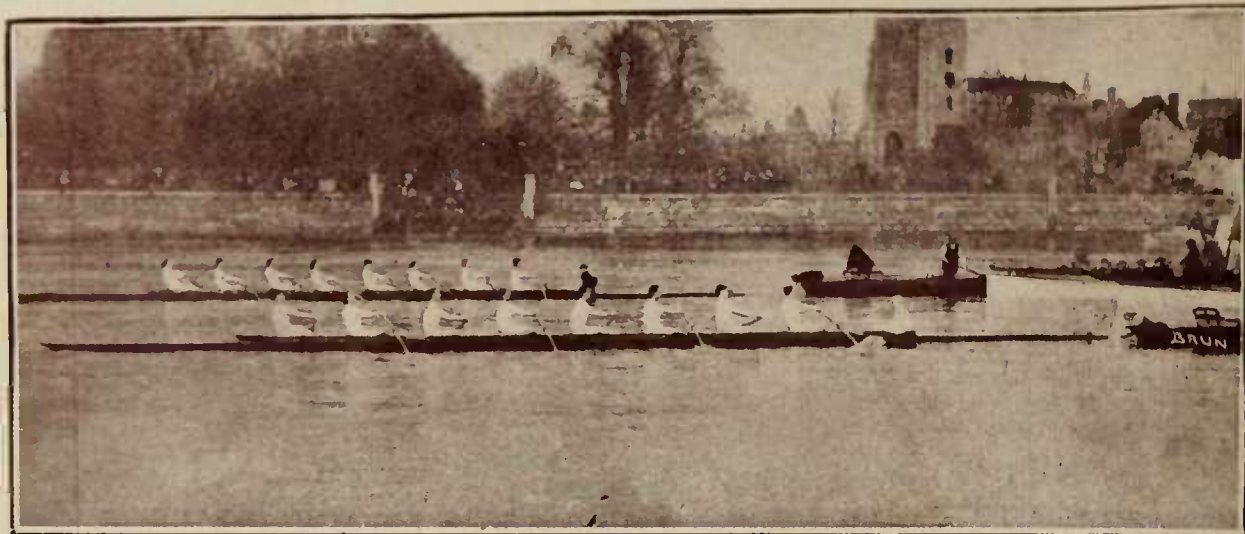
No caminho da vida — olha que um homem é alguma coisa mais do que imaginas — não te tornes o espinheiro que o detenha ou fira; sê antes sempre para elle a relva fresca, suave silenciosa, para que elle caminhe sem tropeços e repouse nas horas de fadiga...

Herminia C. BRUMANA



### O THEATRO INGLEZ

Uma das caracterizações admiráveis do actor britannico Reginald Bach, cujas glorias no palco londrino datam de 1912.



## A CELEBRE REGATA OXFORD-CAMBRIDGE

A partida do pareo. Os remadores começam já a entrar em acção, mas ainda não empregam esforço consideravel. As "arrancadas" de partida são hoje consideradas absurdas.

---

### UM NOVO CONCEITO DE PROPRIEDADE

---

**A** evolução da noção de propriedade realiza-se hoje num sentido duplo. Por um lado a collectividade tende a afirmar o seu direito sobre certos bens que até ha pouco reconhecia como de inteira propriedade de particulares. Na França, por exemplo, as cachoeiras e as minas não serão concedidas em propriedade plena e perfeita, mas a titulo precario e transitorio.

Por outro lado, a complexidade da vida moderna faz nascer e reconhecer-se um direito de propriedade sobre bens que não parecia terem uma individualidade sufficiente para isso. A propriedade, limitada a principio aos objectos materiaes e bens moveis, estendeu-se pouco a pouco á terra, para recahir finalmente sobre coisas incorporeas ou immateriaes. Assim nasceu a propriedade industrial sobre os inventos, as marcas e as patentes e a propriedade litteraria e artistica contra o plagio, etc.

O parlamento francez occupa-se actualmente em proteger a «propriedade commercial». Que vem a ser isto?

A noção de propriedade commercial nasceu da reacção contra o abuso da propriedade e nas seguintes condições: Um negociante aluga por um determinado tempo um local para commercio. Graças aos seus esforços, á sua habilidade, ás suas qualidades, o negocio prospera e a clientela augmenta. O local alugado, de pequeno valor

outr'ora, adquire um valor muito maior devido aos esforços e á propaganda do commerciante que acredita o seu estabelecimento. O povo acostuma-se a frequental-o. O immovel ganha assim mais valor independentemente do proprietario. No entanto, uma vez terminado o contracto, o proprietario exige do inquilino um augmento do preço do aluguel, sob a ameaça de usar do seu direito de recusar a renovação do contracto e de alugar o local a outro commerciante do mesmo ramo. E assim fazendo usa de um direito estricto e mantém-se nos termos do contracto. Muito bem. Cada vez mais penetra nas idéas juridicas a noção de um «possivel abuso do direito», que o legislador deveria evitar. Como conseguil-o?

Duas soluções parecem possiveis. Uns vêm no augmento do valor dado a um immovel pelo occupante um verdadeiro direito que confere ao locatario a faculdade de obter a renovação automatica do contracto, uma vez vencido; salvo a reserva de rescisão normal e a de fixar, em certos casos, por meio de arbitragem, o novo preço do aluguel. A propriedade commercial apparece assim como um direito que se oppõe á propriedade immobiliaria. Outros propõem uma solução mais modesta: o commerciante a quem se pede a casa tem direito a uma indemnização pelo maior valor dado ao local, do mesmo modo que o colono arrendatario tem direito a uma pelas bemfeitorias introduzidas no campo que lavrou.



## DIALOGOS CONTEMPORANEOS

# DA GUERRA

### O VELHO

A mocidade do meu tempo cuidava mais das cousas serias do que esta que ahi anda sem ideias, sem patriotismo, sem orgulho pelos seus maiores que ella desconhece. Com que saudade recordo o Magnanimo, que nos cobriu de gloria durante mais de meio seculo! Quem viu, como eu vi, o regresso de Caxias dos campos paraguayos! Que apothese! Essa guerra enche as paginas da nossa historia! Tenho ainda vivos na lembrança os seus episodios culminantes, as tragedias da nossa bravura! Ah! a campanha da cordi-

lheira! Até as mulheres e as crianças pegavam em armas!...

### O MANETA

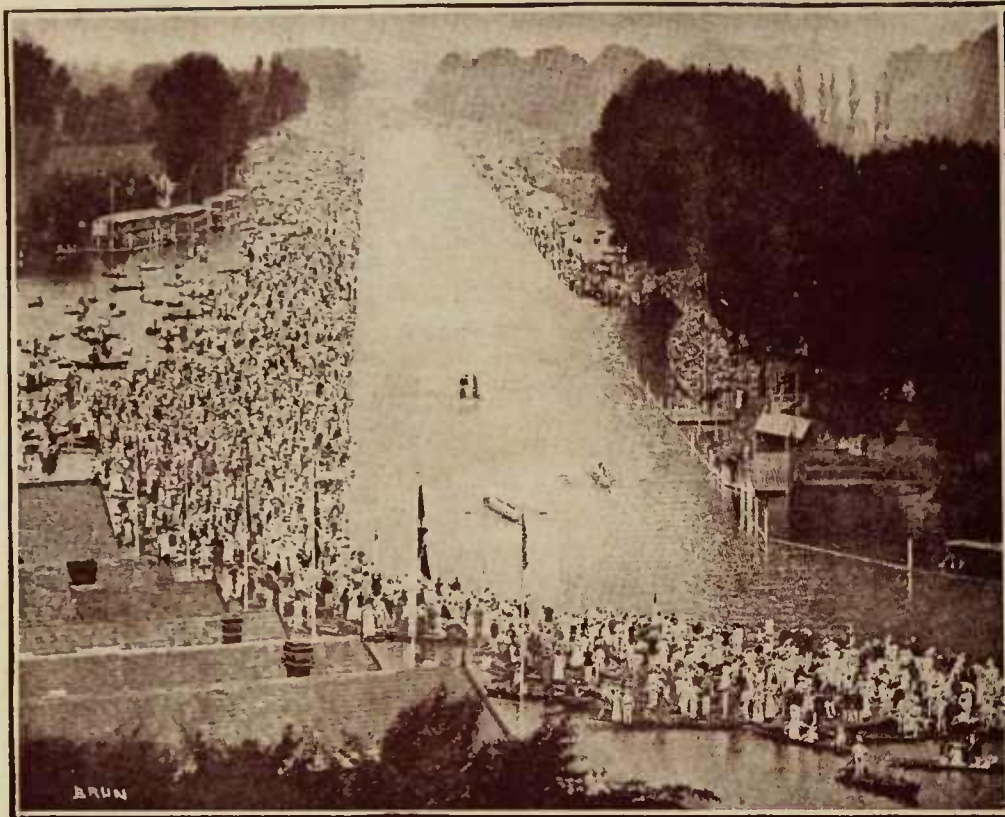
O senhor tambem tomou parte n'alguma batalha? Sentiu o frio e a fome nas trincheiras? Dormiu sobre cadaveres de companheiros attingidos pelas balas inimigas?

### O VELHO

Não tive occasião de entrar na linha de fogo. Meu pae era do Estado-Maior, e eu o acompanhei como ajudante de ordens. Do acampamento,



JOHN R. LAEDLEIN, artista norte-americano, é um decorador de inigualavel bom gosto e tem diante de si uma carreira victoriosa. *O despertar da Primavera* e *A Partida do Outomno* aqui reproduzidos, são duas pequenas obras-primas de gravura em madeira executadas com um simples traço branco sobre fundo negro e em que se pôde notar o gôsto discreto de composição alliado a uma extraordinaria belleza de linhas.



### O LAGO DE HENLEY

O lago de Henley, em que se disputam as mais celebres provas de remo da Inglaterra, é um dos mais formosos do mundo. A enorme multidão apinhada as suas margens diz bem do entusiasmo que desperta naquella paiz o sport do remo. Milhares de barcos de toda sorte, cheios de tripulantes animadissimos, fluctuam sobre as aguas tranquillias do lago.

---

porém, não perdi um detalhe das operações. Possuíamos excellentes binoculos...

Vejo que o senhor não tem um braço. E' veterano?....

#### O MANETA

Não. Fiquei sem o braço n'um desastre de estrada de ferro. Não havia ainda a lei de accidentes de trabalho. Antes houvesse sido na guerra. Com a medalha de merito e o soldo não estaria mendigando o pão... Eu amo o heroismo...

#### O VELHO

Quando vejo um mutilado, não posso esquecer o espectáculo soberbo de um trem carregado de feridos. Milhares de homens sem pernas, sem orelhas, sem braços, sem nariz, sem mãos, todos moços e vigorosos, sacrificados pela liberdade da Patria!

#### O CAOLHO

Eu perdi um olho n'um conflicto entre bebados. Desejaria antes tel-o vasado por uma bayoneta n'um encontro corpo a corpo entre exercitos

ou n'uma revolução. E' nas luctas sangrentas que a humanidade se retempera e melhora...

#### O HOMEM SÃO

... e perde os braços, as pernas, os olhos...

#### O CAOLHO

... e adquire mais confiança nas suas forças. Que importa a morte e a ruina de milhares de individuos, se elles não serão esquecidos pelos que lhes sobrevivem e rememoram os feitos? Eu lamento não ter entrado n'uma guerra, porque estou certo que nada de maior me succederia além da perda de um olho. E com que satisfação eu contaria aos moços de agora as minhas proezas, concitando-os a se prepararem para uma reprodução do meu exemplo dignificador.

#### O FABRICANTE DE PANELLAS

A paz é inimiga do progresso. Eu que o diga e vivo de fabricar panellas para as cozinhas domesticas. Se o governo declarasse uma guerra, a minha industria, requisitada pelas autoridades desenvolver-se-ia, e com o mesmo ferro



das caçarolas talvez eu pudesse confeccionar algumas toneladas de balas. Assim, não saio da pobreza, da mediocridade...

#### O CAPENGA

Adoro a guerra! Gosto de ver os batalhões garridos, disciplinados, marchando para o morticínio com musica!

#### O CAMPONEZ

E os resultados da guerra? Quem lucra com a lucta dos povos? Quem trabalha? Quem produz? Quem arranca a riqueza do seio da terra e a distribue a mancheias pelo mundo para a felicidade de todos? Não.

Quem tira proveito da carnificina és tú, ó fundidor de panellas, és tú, ó caolho; sois vós, ó capenga, ó maneta, ó velho, que odiaes os homens sadios, os perfectos; que não tendes em que pensar pelo estado de incapacidade em que viveis, e que por isso mascaraes as vossas iléas perdidas com o manto do patriotismo, que só germina na paz e não é uma doutrina de maldades, de invejas, de destruição.

#### O CAPENGA

O sr. é pacifista? Os pacifistas acabam sendo victimas dos povos bellicosos.

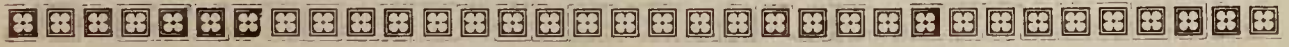
#### O CAMPONEZ

Não ha povos bellicosos. O que ha são fabricantes de panellas, caolhos, capengas, manetas e velhos velhacos illudindo a humanidade. O que ha são os vadios explorando os simples.

#### O HOMEM SÃO

A guerra é um artificio dos ineptos para a extorsão violenta da fortuna alheia, um meio de impedir que os que trabalham recolham os fructos da sua operosidade. E' uma allucinação collectiva provocada pela insidia de meia duzia. Tens razão, camponio, quando attribues aos invalidos phisicos e moraes a culpa dos embates entre as nações. Quem se recruta para a vanguarda com a lisonja á sua vitalidade e galhardia? Os elementos varonis dos quaes depende o futuro das nacionalidades. A peleja de um dia extermina varias gerações robustas, esmaga a obra de cem annos de labuta pacifica. Quem perde, perde, e quem ganha tambem perde. E quem fica para restaurar o edificio desmantelado até que as creanças se tornem adolescentes aptos para um esforço utilitario e proficuo? Os velhos, os manetas, os capengas, os caolhos, em summa, a legião dos incapazes, dos mostrengos, dos procreadores de tarados e de loucos.

E por que se ensina, como estimulante das boas qualidades, da nobreza individual, o amor á



#### OS NOVOS NA PINTURA

“Retrato do esculptor Mazzucchelli”, quadro com que se apresentou ao “Salão” deste anno o pintor patricio Candido Portinari.

## O pai da guilhotina

Ha dois seculos nascia, em Metz Antoine Louis, que seria mais tarde um cirurgião notavel, mas que é sobretudo conhecido pela parte que teve na introdução, na França, do instrumento de supplicio chamado a principio «Louissette» e que depois ficou sendo a guilhotina. Enganou-se pois sempre a tradição popular com o attribuir ao Dr. Guillotin a invenção da sinistra machina. Foi Antoine Louis que, a 20 de março de 1792, apresentou á Convenção um processo de execução capital «seguro, rapido e uniforme».







### OS OLHOS PERIGOSOS

São inquestionavelmente um pe-  
rigo os olhos da esplendida estrela  
do cinema Bébé Daniels.

Um perigo contra o qual não ha  
"habeas-corporus" que valha...

## A UNIVERSALIDADE DO LYRISMO

**E**NTRE a confusão que ali vemos na poesia, enovellada na avalanche das renovações abstrusas e cretinas salvam-se uns raros poetas que, numa forma de expressão ainda muito deficiente, se adornam com as plumas de pavão da poesia oriental, dando-a como novidade mais recente que as theorias de Einstein.

Poesia de orientaes, bebida no manancial de Tagore e Omar Kheyan, já velhos sonhadores e pensadores que, no silencio e no clarão de seus paizes nataes, são apenas reflexo do sonho e do pensamento de antigos poetas, antiquissimos aedos que povoaram de rythmos, entre luz e rosas, os afastados tempos de esplendor de sua patria. Esse lyrismo de abstrações e deslumbramentos, mysticos ou arrebatados, esse pendôr para a synthese vaga, esse rebuscamento em que se afêvoram alguns para pincelar ligeiramente uma scena, manchando-a em côres rapidas—tudo isso é resultado de uma influencia que nos vem das terras longinquas e radiantes do Oriente, com escalas pelos centros da Europa. E' isso que faz muitos de nossos jovens intellectuaes, desabrirem-se contra a poesia até hoje existente, quando elles nem forma de expressão nova possuem, pois que requintam a sua expressão em não ter forma, e em exprimirem sem belleza a belleza que pretendem encerrar nos versos.

E o que mais é de notar está no que dizem esses pretensos renovadores, alardeando que o seu lyrismo, é diverso de todo o que, até o momento presente, tem sido cultivado no mundo, quando todos nós sabemos que o lyrismo, como, aliás, todas as manifestações de poesia, é sempre o mesmo. O asiatismo pastichado desses modernistas é uma sombra deformada da belleza que enchia a alma barbara dos povos, desde quando ainda vagia, no seu berço de granito, a civilisação, que partiria do Altaï, a montanha de ouro que tocava a via-lactea, dispersa em migrações sobre o occidente.



Assim é que encontramos similitude entre a imaginação lyrica de todos os povos, mesmo os que, desde eras remotissimas, haviam sido separados por oceanos intransponiveis. O amor flue na poesia de todas as raças, com a mesma serenidade, desabrochando em metaphoras tão brilhantes nas regiões clivosas dos Andes, como no avelludado remanso dos hortos de louros, tão suaves nas ravinas geladas da Escandinavia como nos vermelhos infernos de areia d'Africa. E' quem se deteve a sentir a poesia dos povos, borbotando em imagens lyricas, nota quanto é interessante essa egualdade. A mesma imagem que abrolhou da cythara de marfim do aêdo helleno, inflamma a pesada harpa do hebreu, e rola na voz rouca e meiga do *Scalda* dos *fjords*, e do *haravec* dos Andes. Se lermos uma poesia dos Incas encontraremos tão grande semelhança com a dos outros povos, a ponto de se fazer confusão. Eis ali um trecho *yaravi* do Peru' pre-colombiano, que encontramos em *Ollantay*, o poema-dramatico de autor incã desconhecido:

«Sua bocca entreaberta descobre duas fileiras de perolas; suas faces são como duas rosas cahidas na neve; seus supercilios são dous arco-iris, seus cilios flechas ardentes e matadoras, sobre os seus olhos fulgidos como sóes nascentes...»

A metaphora dos dentes como perolas é vulgarissima e facil de se encontrar, tão cedo entre os malaioes, como entre os parisienses modernos. Assim tambem a das faces comparadas a rosas. Mas a linda imagem das sobrançelhas como arcos, menos commum, eil-a numa canção de Kechich-Oglu, poeta kirghiz das margens lendarias do Danubio: «Estou preso de amor por uma jovem bella, de olhos languidos, cujas sobrançelhas são arcos, e os cilios flechas...» Num outro canto inca, recolhido por Garcilasso, deparamos a imagem dos seios da mulher comparados a



dous cabritos brancos, muito approximada a uma semelhante de Salomão. Por toda a poesia dos ottomanos e arabes, cantando a formosura das Mihri, Zeineb ou Leila, estão sementeas as metaphoras que lembram as do lyrismo dulcissimo dos dinamarquezes adoradores de Hertha e de Thor, ou dos celtas, ou dos finno-mogões, que acampavam, sob as «yourtes» rubras, na ueve da Europa central, ou dos japonezes, cuja arte de sol é uma explosão de côres. A sensualidade na poesia, que Coleridge disse ser uma das grandes virtudes de Milton, rebenta em rimas de luxuria nos *ghazels* de Hafiz, como

nas odes de Anacreonte, ou na cadencia barbara dos hindus, nos seus hymnos violentos a Kama, deus dos serralhos e do amor.

O lyrismo é sempre o mesmo. O correr dos seculos não torce o curso ao fluir da poesia, que é a mesma, entre os asiaticos, como entre nós, tão linda ha vinte seculos, como nestas eras actuaes, em que a electricidade transmittit ao homem a illusão de que pode renova-la. Tudo é velho na humanidade, como diria Accacio. A questão está na belleza que se pode transmittir...

**Moacyr de ALMEIDA**

## A leitura e a idade

Em que idade mais se lê? A esta pergunta a bibliotheca publica de Cambridge responde: um rapaz de quatorze annos lê em média 43 volumes por anno; aos vinte annos a média é de 59 volumes; aos trinta, a necessidade de leitura chega ao seu ponto culminante: os frequentadores da bibliotheca lêem 174 volumes; aos cincoenta, a média cêe a 27; enfim, aos sessenta, é apenas de 15 volumes por anno.

Ajuntemo\*, com um detalhe fornecido por Victor Hugo que seriam precisos, em 1819, oitocentos annos para um

homem, lendo 14 horas por dia, exgotar apenas as obras sobre historia na bibliotheca nacional. Eram, naquelle tempo, 20.000, algumas em varios volumes!

O CELEBRE PHILOSOPHO Herbert Spencer tinha um genio irascivel e nervoso, que elle proprio reconhecia e lastimava. Por isso não se casou. E quando lhe perguntavam a razão do seu obstinado celibato, respondia:

— Consolo-me com o pensar que existe no mundo uma mulher que não conheço e a quem fiz venturosa; aquella com que não me casei...



A TAPEÇARIA ITALIANA

Painel decorativo de Francesco Dal Pozzo

# Companhia Nacional de Navegação Costeira

Importantes estaleiros da Ilha do Vianna

Apparelhos com todos os aperfeiçoamentos modernos para  
quaesquer trabalhos de reparação e construcção naval

Extenso cáes accessivel a navios de grande calado.

Dique secco para grandes navios

## **LAGE IRMÃOS**

**COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES**

---

Grandes depositos de carvão inglez e americano de 1a. qualidade.

Carvão nacional das minas de Lauro Muller e

Crissiuma, em Santa Catharina

---

Beneficiamento de sal por processos modernos

Secções de café e exportação e

importação de quaesquer artigos.

---

Escriptorio - Avenida Rodrigues Alves, 303[31





Abella e a féra



Um urso amigo sempre é  
preferível a um amigo urso...



## OS EXAMES

(Fragmento)

**E** OS exames vieram. Num dia luminoso e calido de novembro a grande sala de visitas, preparada para o acto, encheu-se da turba ruidosa e inquieta dos alumnos, acompanhados de paes e mães, de pessoas da familia da mestra e de convidados. Dispostas em semi-circulo, as cadeiras davam á peça a apparencia de um pequeno theatro e, em face, uma mesa garrida desaparecia quasi, sob uma invasão de flores em jarras, com um panno *grenat* muito vistoso. Tres cadeiras, de um lado, eram destinadas á directora e aos dois examinadores. Do lado opposto, de costas para a assistencia, assentar-se-ia o examinando. Ostentava-se mais uma vez o apparatus das provas de exame, feito talvez numa intenção innocente de festa e de alegria e que acarreta os peiores resultados para o animo tímido e impressionavel das crianças, provoca com a sua solennidade as inibições da memória, as desordens do systema circulatorio, oprime o coração, estrangula as vozes na garganta e gélá as extremidades dos dedos tremulos.

Crianças iam e vinham, como passaros assustados, chamados aqui e alli por *scius!* impacientes mas discretos. Todos procuravam logar, arrumavam-se como para um espectáculo. No corredor que dava para a sala de jantar, onde, enormes pratos de biscoitos se escondiam á sombra de ramalhetes bastos, que cediam ao proprio peso, a alacridade e o ruido eram intensos. Commentarios, risinhos nervosos, confidencias, as derradeiras trocas de idéas antes da prova imminente animavam aquellas cabecinhas muito frisadas, preparadas com longos cuidados para a festa, com cabelleiras dispostas em pastinhas ou cachosmeticulosos nos meninos, ornadas de grandes laços vermelhos, verdes, azues, nas meninas; enquanto a professora ia e tornava, numa febre, providenciando, como um contra-regra, para que nada faltasse ao brilho da cerimonia.

Fóra, o sol de meio-dia avermelhava os telhados e projectava sombras arroxeadas que escorriam pelas paredes das casas fronteiras. Ao fundo, o céu recurvava-se, muito limpido e distante. Abafa-se. Abriam-se as janel-

las. A luz penetrou, frauca, illuminando intensamente as faces em que se franziam supercilios, na protecção dos olhos deslumbrados. Transeuntes appareceram, que se detinham um momento, inquiriam com o olhar, um sorriso estúpido nas faces e iam-se, indifferentes, a pensar noutra coisa, ás voltas de novo com os seus cuidados. Outros, ociosos, atracavam-se definitivamente ao peitoril, satisfeitos, na expectativa de um passa-tempo gratuito...

A directora tomou o seu logar e foi logo ladeada por um rapaz de oculos, muito insinuante — era o seu irmão — e por uma senhora grave que respirava indulgencia, muito compenetrada, aliás, do seu papel de juiz. Houve na sala um vozeio abafado, confuso, cortado a tempos de *scius!* imperiosos.

E veio o primeiro examinando, um estreante naquella sorte de cerimonia. Leu o seu trecho, respondeu, um pouco hesitante, a todas as perguntas feitas pelo moço em voz paterna, perguntas a que se seguia, em tom mais baixo, o subsidio immediato da primeira syllaba da resposta:

— A capital da França é...? Pa..

— Paris!

— Paris, não é? O examinador exultava, num sorriso beatifico que lhe sulcava o rosto magro; os seus oculos tinham scintillações de relampagos. Muito bem!

Ou, então:

— O Brasil é republica ou monarchia? Re...

— Republica!

— Perfeitamente!

E o examinando sentia que havia acertado, esquecido já do auxilio e sem fazer bem uma idéa do que vinha a ser uma monarchia ou uma republica. Acertára. Ainda bem!

Passou depois á senhora. Sommou, subtrahiu, multiplicou, plantado diante do quadro negro, a gizar algarismos com um *tac-tac* surdo, no meio do silencio geral cortado a espaços por um ou outro pigarrear sonoro. Notava-se que se constrangia sob o dardejar de tantos olhares curiosos.

Na divisão, porém, emperrou. A examinadora soccorreu-o logo, como a um naufrago, e o moço de oculos, e a directora, e a sala em peso tiveram uma inquieta-







### O MODERNO MOBILIARIO ITALIANO

Sala de jantar executada de accôrdo com os desenhos de Ezio Giovannozzi. As lampadas são obras-primas da fabrica De Matteis.

ção e um desejo imperioso de salvá-lo a todo transe, numa solidariedade commovedora. Cabeças erguiam-se, anciosas, ademanos discretos esboçavam-se na consternação geral, olhares obstinados procuravam transmittir, no seu magnetismo, a chave do enigma diante do qual heitava e tremia aquelle OEdipo de calças curtas. E quando a difficuldade foi vencida, houve na assistencia um profundo suspiro de allivio. Salvo!

Palmas reboaram. A prova estava terminada. E veio outro, e passaram pelas suavissimas forças caudinas todas aquellas cabecinhas inquietas. Ao termo de cada exame, os applausos choviam infalliveis. E a criança victoriosa, pasmada do seu proprio mérito, duvidando ainda um pouco da realidade, tinha o ar satisfeito de quem conquistou um mundo.

Seguiram-se momentos de expectativa anciosa. Os examinadores e a directora consultavam-se, discutiam em voz baixa, organizavam o «resultado». Depois a presidente proclamou-o. Nem

um reprovado! E a cada «aprovado com distincção e louvor», «aprovado plenamente», um murmurio corria pela sala, procurava-se insistentemente o pequeno heróe, que se afundava mais na cadeira, meio vexado, numa modestia sincera.

Distribuíram-se então os premios, vistosos livros para crianças, cheios de gravuras encantadoras, com uma dedicatoria entusiastica no frontespicio.

Depois, a mesa de doces, com as balas e os biscoitos, onde a familiaridade dissipou os ultimos residuos da solennidade de momentos antes.

E quando sahiram, como um bando de aves rumorosas, para a rua tranquilla que modorrava ao sol, cada menino apertava ao peito, com amor, o seu livro de figuras, despojo opimo da primeira victoria — tão facil! — na emulação tragica da vida...



## A ORDEM NA DESORDEM



**S**EMPRE me cansou surpresa, pela excessiva necessidade que encerra, um dito vulgar: «Como é desordenado este homem!» principalmente quando se applica a uma pessoa não vulgar ou de méritos indiscutíveis em algum ramo de trabalho útil á sociedade.

No entanto ouviremos sempre repetida essa phrase diante da mesa de trabalho de um professor eminente, do investigador inquieto, incansavel, do estudioso que, aproveitando o minuto disponível, desordena o seu material de trabalho sem se preocupar da sua arrumação.

Póde occupar-se de esthetica o jurista cioso da sua profissão, quando vae do código civil ao penal, dêste ao registro official e depois ás recopilações de leis, para voltar em seguida aos códigos? Evidentemente a desordem do seu escriptorio só se produz quando a sua esposa, com toda a garridice, empilha os livros de capa azul ao lado dos vermelhos e estes junto dos verdes. Porque quem trabalha restringe-se a um mundo que é a sua mesa e allí está familiarizado com os membros dessa comunidade (livros e aparelhos), seus amigos que, onde quer que sejam collocados, lhe sorriem, recordando-lhe theorias, idéas e conceitos basicos mettidos nas suas vestes de côres variadas.

Ao passo que a sua esposa julga que a categoria dos conhecimentos está na razão directa das côres da lombada e da capa dos livros. Do mesmo modo que a esposa ingenua, quantos pseudo-bibliophilos poem o seu orgulho na encadernação das obras expostas nas estantes com toda ordem, para que apenas sejam *l'da*: pe'a poeira?

Eis-nos diante da mesa de trabalho do sabio pesquisador: elle sahio por alguns momentos para observar o funcionamento de alguns aparelhos em outra sala. Quem não conhecesse a autoridade do conhecido cientista, acharia ridiculo pretender outorgar-lhe tanta nomeada, tal é a desordem do seu gabinete.

Mas esse microscopio pôsto a um canto, esse frasco destampado, aquella proveta sempre em ebulição, esta pinça, este tubo quebrado, aquelle montão de papeis amarellados, empo-

cirados, não estão assim por desidia nem por falta de tempo para a arrumação — o intellectual nunca se queixa de falta de tempo —; mas porque é exactamente nessa posição que vão ser utilizados no momento preciso; é que dentro dessa desordem apparente reina a mais admiravel unidade, com o fim de facilitar determinado estudo ou, ás vezes, alguma gloriosa descoberta.

E sempre assim, uma mestra sábia, inimitavel, a Natureza, é o modelo perfeito da desordem geradora da ordem natural dos acontecimentos da vida: uma erupção, causadora de uma inso'ita perturbação em certo ponto da crosta terrestre, nada faz sinão preparar uma era de prosperidade e de riqueza para o lugar em que se produziu, pondo as cousas numa ordem admiravel: virá o resfriamento da massa candente de lava, depois a sua consolidação; e finalmente essa massa se decomporá e enriquecerá o sólo com elementos mineraes, como fertilizantes adubos chimicos.

Por sua vez as myriades de atomos amontoados na mais incrível desordem diante dos que os observam de uma dessas jaue'las do infinito que são as lentes do ultra-microscopio, estão esperando que o atomo central, director da obra, dê a ordem de formação, para que desse pandemonio saia

á vista attonita do observador o modelo mais maravilhoso de ordem e harmonia, apresentando instantaneamente num conjuncto perfeito, complexo e definitivo da molecula recém-nascida.

E a que se deve tudo isto? A' ordem immutavel que reina na mais apparente desordem, comparavel ao prodigio da retina que, apenas com o contacto dos innumerous raios heptaco'oridos do espectro disseminados ao acaso, faz surgir a magia da luz branca, que é o encanto da vista e da existencia!

D. CORTI.

Santa Fé, 1923.

---

MAXIMA ORIENTAL — O porteiro de um tolo póde sempre affirmar que não está ninguém em casa.

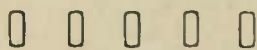
—«»—  
A coisa que eu mais detesto é ferir a verdade. — PASCAL.





BLANCHE SWEET

A formosa artista do cinema não desmente o nome: muito "branca" e muito "doce"...



## O PAIZ DAS MULHERES FORMOSAS

**N**ÃO ha região do mundo que tenha alcançado tanta fama pela formosura das suas mulheres como a parte occidental do Caucaso, onde vivem os circassianos. Uma belleza circassiana é a joia mais apreciada nos harens da Turquia, de Marrocos ou do Egypto.

O segredo da formosura dessas mulheres está simplesmente nos cuidados de que as cercam desde meninas. Mesmo nas familias mais pobres da montanha a delicada epiderme feminina é friccionada diariamente, dos pés á cabeça, com unguentos perfumados que a tornam branca e suave; as mãos e os pés têm um trato que assombraria o mais habil manicuro de Londres ou de Paris; tres vezes por dia, no minimo, se untam com oleo e se penteiam com toda a meticulosidade os labellos e nos olhos se injecta belladona para que adquiram o brilho humido e cheio de seducção de que falam os poetas orientaes.

Ademais, a joven circassiana aprende a dansar as languidas dansas orientaes que tornam esbeltas as fórmas e a cantar as queixozas canções da montanha que adoçam a vóz.

A primeira vista parece absurdo que miseros montanhezes eduquem as filhas desse modo; mas tudo ficará explicado si se souber que entre os circassianos a carreira da mulher é ser escrava. O harém de um pachá ou de um grão-vizir representa para ellas o mesmo que o theatro para as raparigas pobres do Occidente: o unico meio de sahir da miseria. O maior titulo de gloria para uma moça circassiana é ser vendida por alto preço. E a verdade é que o viajante, por maior adversario que seja da escravidão, quando contemp'la as pobres choupanas dos circassianos, quando vê as suas mulheres jungidas ao arado ao lado de um boi modorrento, trabalhando como bestas, comprehende que aquelles paes vendam as filhas e que estas queiram ser vendidas.

Apezar de tudo, uma circassiana não attinge quantias fabulosas. Por cem dollars pode obter-se uma linda joven e uma verdadeira belleza custa apenas o dobro.

Os commerciantes que negoceiam com essas beldades, em sua maior parte armenios, em nada se parecem com o vendedor de escravos tradicional. São pessoas muito educadas, finis-

simas e attentas e tratam muito bem a sua mercadoria.

Não é preciso dizer que, para um paé circassiano, casar uma filha é uma desgraça. Educal-a, polil-a e aformoseal-a, com a esperanza de a vender bem e ver surgir um troca-tintas que se apaixona por ella e a leva, não é lá de facto coisa muito engraçada. Por isso alli, entre os pobres, que são a maioria, ninguem concede a mão da sua filha e portanto é inutil pedil-a. Quando um homem ama a uma mulher, apresenta-se a cavallo em sua casa, ataviado pomposamente, toma-a pela cintura, põe-a sobre a sella e foge com ella a galope.

No dia seguinte o raptor aplaca a ira dos seus sogros enviando-lhes o *kalim*, ou preço da mulher; sem o que correria o sangue de ambas as familias.

Entre as poucas familias ricas da região as coisas se passam de outro modo. O casamento se combina quando os futuros esposos têm apenas oito ou dez annos, si bem que só se casem na maioridade. Si nesse prazo a menina se casa com outro, os seus paes indemnizam o noivo ludibriado.

Chegada a circassiana rica aos treze ou quatorze annos, o futuro marido manda á sua casa dois amigos com alguns cordeiros e uma mulher que faz de intermediaria. Esta discute

com os paes o preço da joven, e quando os amigos acham que se chegou a um ajuste honroso, degollam os cordeiros. E' o signal que dá começo á festa. A população inteira accorre á casa, come-se muito cordeiro assado, bebe-se muito vinho do Caucaso e a noiva é conduzida procissionalmente á casa do noivo. Alli, sentam-se ambos diante do fogo da lareira, com um cirio á mão, onde os abençôa o «dekanos», ou sacerdote, depois de beber á sua saude um enorme copo de *vodka*. Mas o rapto tradicional não pode faltar. Terminada a cerimonia, o séquito fórma com as suas espadas uma abobada de aço, por onde passa o noivo conduzindo a noiva de novo para junto dos paes desta.

Durante quatorze dias vivem assim separados, sem ao menos se verem; passado esse prazo, elle se apresenta a cavallo, toma a mulher e a leva, fingindo fazel-o violentamente. E, para dar mais character á cerimonia, o paé e os ir-





## A LOQUACIDADE MASCULINA

**Q**UERO de passagem contribuir com o meu fraco concurso para o descrédito de uma legenda posta em circulação pela vaidade do homem. Qual de nós, gente de calças, tem deixado de troçar da loquacidade feminina, num tom de superioridade ferina e ironica? Quaes os que não ridicularizam as reuniões femininas cujo pretexto é variavel: absorção de chiearas de chá, execuções musicas, obras de caridade, etc.? Sejamos francos ao menos uma vez e confessemos que, de nossa parte, fazemos o mesmo e que só os pretextos differem. Está claro que não praticamos os *jive-ó clock* nem as reuniões de costura. Mas no fundo, nas varias assembleas, politicas, beneficentes, sociaes, em que se dispõe uma tão grande parte da nossa actividade, nas nossas academias, nos conselhos de administração, nas commissões, quantos minutos são real e utilmente consagrados á discussão cerrada e efficaz das altas questões em debate? Quantos, ao contrário, são gastos em fórmulas vãs, em periodos redundantes, em phraseologia estéril, em cumprimentos, em excusas, em exercicios verbaes sonoros e ôcos, cuja unica explicação, aliás injustificavel, é o prazer que tem o homem em enfileirar vocabulos que agradam ao ouvido e lisongeam a sua vaidade? Experimentae fazer a discriminação dos instantes consagrados ao trabalho e dos que são perdidos nessas gymnasticas lamentaveis: e por muito pouco pudor que tenhais, acabareis confessando para que lado pende a balança. E á tarde, quando a vossa esposa chegar atrazada das suas visitas, será com um sorriso menos condescendente que opporeis ás futilidades das suas distracções a gravidade substancial das sessões e reuniões em que vos occupastes.

Direis, afinal:

— Seja. Mas, no fim de contas, que mal ha nisso? Poder-se-ia fazer coisa muito peor.

E' exacto. E declaro abertamente que mais vale a gente tagarelar do que se consagrar a assaltos ou a assassinatos, nos minutos de lazer. Infelizmente, porém, o tempo dedicado a esse papaguear superfluo o é raramente em prejuizo das

mãos da moça correm atráz delle, dando tiros... de polvora secca.

Desse dia em diante a formosa circassiana é a companheira e a servidora do seu marido, lutando ao seu lado em caso de guerra e dedicando-se, no tempo de paz, ao cultivo do campo e da belleza das suas filhas.

tolices e das villanias que havemos de commetter. Falar demais nunca evitou uma acção má. Ao contrario, tem ajudado a preparar um grande numero dellas.

André LICHTENBERGER



A mythologia modernizada

DIANA CAÇADORA

(Desenho de Herouard)

CABOS, LONAS, OLEOS, TOLDOS,  
BARRACAS, ENCERADOS, ETC.

Unicos depositarios das tintas envenenadas allemãs

**HÖVELING**

e inglezas, liquidas, **SHIP BRAND**



**Rua 1.º de Março, 133 - RIO**

Endereço telegraphico CHACO

**TELEPHONE NORTE 2929**

DEPOSITO

**Rua Conselheiro Saraiva, 8**



**ROCHA COUTO & C.**







A PINTURA CONTEMPORANEA  
"LE RETOUR DU JOUR", de A. Osbert. (Salão de Paris, 1912).

## "ELLAS" POR "ELLES"



verdadeiro homem deseja duas coisas: o perigo e o jogo. Por isso ama a mulher, o jogo mais perigoso de todos. — NIETZSCHE.

Não creio que haja nada comparavel á agilitude com que as mulheres esquecem aquillo que foi tudo para ellas. Por esse tremendo poder de esquecimento, como pela faculdade de amar, ellas são verdadeiras forças da natureza. — ANATOLE FRANCE.

Todas as mulheres são iguaes quando nos agradam. — MAUPASSANT.

As mulheres não gostam muito dos contempladores e prézam singularmente os que poem as idéas em acção. — THEOPHILE GAUTIER

Todo misogyno ignora a mulher: são grandes meninos desiludidos que fazem do seu ranco uma theoria e que negam, para não serem vencidos por ella, essa coisa fragil, ondeante, ductil e delicada que é uma alma de mulher. — VARGAS VILA.

## O MILAGRE DOS LIVROS

OS livros realizam milagres como os das legendas runicas. Elles persuadem aos homens. A mais insignificante novella, dessas que nas remotas aldeias entretêm a ociosidade das moças simples, contribue



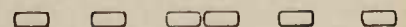
para desenvolver o seu sentido pratico actual interior da economia domestica.

Tudo o que uma universidade ou conjunto final de todas as escolas superiores pôde fazer por nós, reduz-se, pouco mais ou menos, ao que fez a primeira escola que houve no mundo: ensinar-nos a ler. Aprendemos a ler em varias linguas, em varias sciencias; aprendemos o alphabeto e as letras de toda especie de livro. Mas o logar em que podemos obter a sciencia, toda a sciencia emfim, são os livros. Depois do que por nós fizeram excellentes professores, toda a nossa sciencia theoretica dependê do que lemos. A verdadeira universidade em nossos dias é uma bôa collecção de livros.

CARLYLE.

UMA PROVA do terror que experimentam os animaes com a presença do homem é o facto referido por Sven Hedin, relativo aos camellos selvagens das planicies asiaticas. Esses animaes farejam a presença do «homo-sapiens» a uma distancia de vinte kilometros e fogem em seguida, com tal susto e tanta rapidez que por varios dias não se detêm: e sabe-se que um camello pôde correr em um dia centenas de kilometros!

Além disso os camellos levam annos sem se acercarem do logar perigoso em que esteve acampado um bando de caçadores, a menos que as chuvas hajam feito desaparecer o «cheiro do homem...»



## Da piroga do indio ao navio de pesca



PESCA no Brasil tem a sua origem perdida nos nossos tempos pre-coloniaes. Os autochtones alimentavam-se de preferencia da caça e do peixe abundante dos nossos rios e das nossas costas extensissimas. Dominando a «montaria», nome que o nosso caboclo da bacia amazônica dá á sua canoa, o habitante primitivo das selvas brasileiras persegue os cardumes e prende-os nas suas redes de *tucum*, fio finissimo e resistente tecido de fibras vegetaes.

O mais interessante, porém, é que actualmente, as nossas populações littoraneas e ri-

beirinhas, com ligeiras differenças, ainda conservam muitos dos habitos do indigena, nesse sentido. As audacias da grande industria são-lhes quasi desconhecidas, e os apparatus que empregam pouco distam dos petrechos em voga nas tabas.

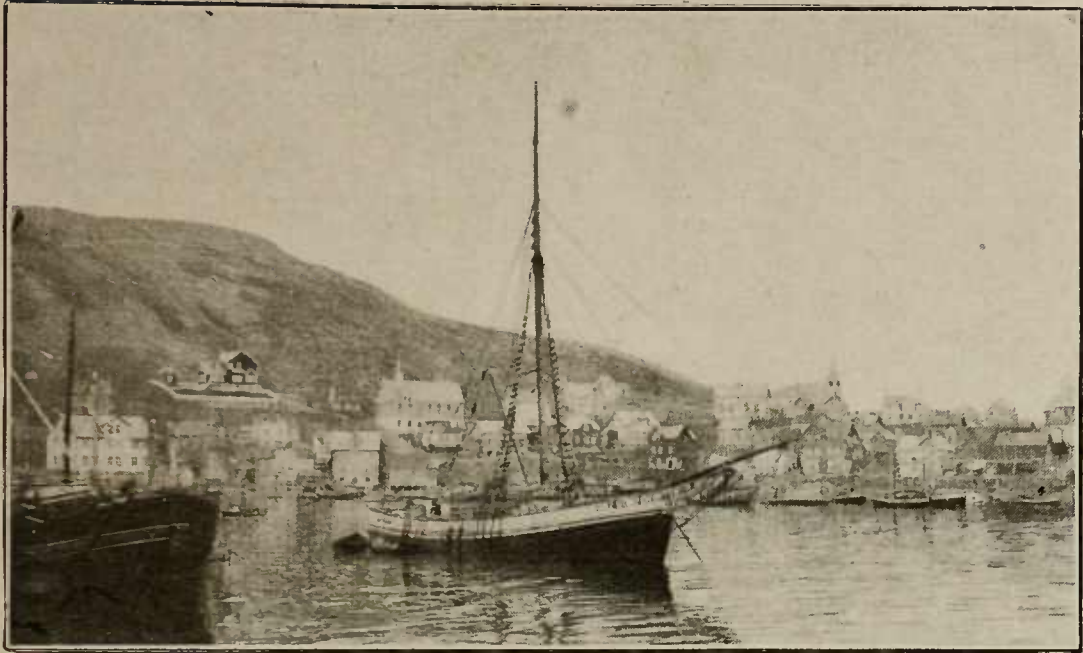
O que ha de curioso na pesca no Brasil é o seu caracteristico em determinadas regiões, principalmente no norte e nordeste do paiz. Nos rios é a piroga, no oceano é a jangada, que preponderam, revelando nos seus tripulantes qualidades raras de intrepidez e de bravura.

Se compararmos as nossas pescarias, praticadas por cerca de cem mil individuos, e as das nações que lhes deram uma organização industrial em que tudo do peixe se aproveita, desde a carne aos mais infimos residuos, veri-



A casa de um pescador na Praia do Abraão, Ilha Grande. □□□





Uma colonia de pescadores, na Noruega, com residencias confortaveis e hygienicas

ficaremos que tudo nos falta. Por enquanto, nós nos podemos orgulhar do encanto maravilhoso das nossas enseadas, do fragor dos nossos rios, e da riqueza da nossa fauna aquatica, que segundo Agassiz é talvez a maior do planeta.

Faltam-nos ainda os recursos para disputar aos scandinavos a palma que esses povos de navegadores conquistaram em mais de um seculo. Com um pouco de tenacidade, entretanto, realiza-

remos algo de proveitoso para o futuro, espalhando pelo nosso immenso littoral os portos de pesca, coalhados de navios, com pequenas villas florescentes, e onde a piroga do indio passe a ser uma lembrança saudosa ao lado dos barcos-motores, dos *trawlers*, e outros engenhos que a civilização inventou para o conforto do homem, diminuindo-lhe o esforço e augmentando-lhe os lucros.



OS BANCOS DE CORAL do Mediterraneo se estão exgottando e não tornarão ao primitivo estado sinão daqui a muitos annos. No emtanto o coral continua a baixar de preço, porque está fóra de moda. Só os napolitanos o usam como amuleto. Ha tambem muito coral... artificial, de vidro, fabricado pelos allemães. Antigamente o empregavam em pharmacia, pulverizado, mas agora sabe-se que o vulgar carbonato de cal tem as mesmas ou melhores propriedades medicinaes que o coral pulverizado.

NA BULGARIA, em vez do serviço militar obrigatorio, instituiu-se o que se póde chamar o serviço economico obrigatorio. Todo cidadão homem ou mulher, é obrigado a trabalhar para o Estado em obras de utilidade publica (construcção de estradas, de edificios, trabalhos de administração, exploração de industrias fiscaes) num periodo maximo de oito mezes para os homens e quatro para as mulheres. Esse serviço póde ser exigido de uma só vez ou parcialmente e entre as idades de 20 a 40 annos para os homens e de 16 a 30 para as mulheres.



## UM RETRATO DE BAUDELAIRE



**E**STE retrato do exquisto cantor das Flores do mal pertence ao Dr. Briand que o recebeu como presente do Sr. Lucipia, antigo presidente do Conselho Municipal de Paris. Este, por seu turno, o recebera de um amigo pobre, seu protegido, que lhe havia offertado «a coisa mais preciosa que possuía». Sobre a madeira do chassis lê-se, meio apagado, o nome de Monticelli. Todos os que viram este retrato criticaram tal attribuição, que guarda no entanto um valor de indicação. Ignora-se até hoje o nome do autor desta imagem commovente e são desconhecidas as condições em que foi executada. Submettida ao exame de varios e notorios criticos de arte, ella até agora apenas suggeriu opiniões vagas. Para uns trata-se de um fogaoso esboço de Monticelli. Para outros, de um estudo de Ricard, que

admirava muito Baudelaire e que parece ter executado um retrato do poeta depois da sua morte. Os mais positivos, finalmente, descobrem nesse genial e peretrante esboço a mão de Daumier... Não seria essa pintura tão viva na sua pungente

expressão de desillusão e de dôr uma réplica commovida do grande satyrista aos quartetos que o poeta lhe dedicou um dia?

A authenticidade desta obra está portanto muito longe de ser estabelecida. Ignora-se ainda

o nome do artista que, com uma especie de genial espontaneidade, soube fixar para sempre e com toda a emoção da sua alma, a expressão dolorosa e agoniada do Baudelaire dos ultimos dias, do Baudelaire das torturas do opio: «Dentro em pouco vai o scenario ennegrecer-se e as tempestades se amontoarão na tréva...»



BAUDELAIRE,

**tal como foi retratado pelo pintor desconhecido**

sua natureza propria na sua prosa impessoal, utilitaria ou litteraria. A mulher, porém, só escreve para falar de si e põe um pouco della em cada palavra. Ella não conhece as astucias do estylo e abandona-se inteira na innocencia das suas expressões. — MAUPASSANT.





**AS BAILARINAS EM VÓGA**

ANNITA BERBER, NA SUA  
DANSA 'O DANDY HES-  
PANHOL'

# O PADRINHO

(CONTO)



AQUELLA tarde de domingo, Juanito, a pobre criança, o filho natural, que se criava entre caras carancudas como si recebesse a vida de esmola, contemplava, debruçado ao parapeito da janella, o sol formoso de junho, cuja flamma, reverberando sobre a parede fronteira, ornava-a de uma colgadna deslumbrante, mais brilhante do que as que no dia do Corpus-

Christi adornam os balcões. Preso sempre em casa, o pequeno olhava avidamente a rua em que brincavam os seus amiguinhos e chamava-os com gritos alegres, semelhantes aos pios dos passaros engaiolados quando vêm outros passaros livres. Estava contentissimo porque naquella tarde a sua mãe lhe promettêra leval-o a passeio, vestira-o com a sua roupinha mais nova e lhe penteára os cabellos, repartindo-os lindamente ao centro. O padrinho promettêra vir buscal-os ás cinco horas, quando a luz do sol é menos intensa e Juanito estava ancioso por dar a noticia aos amiguinhos que nos outros domingos via sahir com os seus paes, vestidos elegantemente e carregados de brinquedos emquanto que elle ficava em casa, á janella, entre as plantas dos vasos, como um pobre canario triste...

— Pepito! Luizinho! chamava, debruçado para a rua.

Os outros respondiam, erguendo as cabeças e entre-cerrando os olhos, porque estava tão alto aquella janella de um terceiro andar...

- Que é?
- Vaes sahir?
- Vou!

— Eu tambem! Vou com a mamãe e o padrinho!

— Nós vamos ao parque. E tu?

— Eu tambem, respondia Juanito. E acrescentava: Lá nos encontraremos!

— Leva os teus brinquedos! Nós vamos levar a pá e o arco.

— Bem. Lá nos encontraremos!

Brincar no parque! Ineffavel illusão para Juanito, sempre preso em casa, a quem, quando muito, consentiam que fosse brincar junto ao rio, onde não havia areia para fazer castellos

e onde as pedras impediam o rolar dos arcos! Brincar no parque! Naquella tarde, finalmente, brincaria no parque, na areia extensa, á borda dos lagos, na areia tão macia e doce ao tacto... Correria até perder-se pelas alamedas ensombradas em que silvam melros e onde surgem cascatas imprevistas...

E Juanito saltava de prazer e de impaciencia, agarrado aos ferros da sacada, olhando uma vez ou outra para o interior da casa, onde a mamãe, bella e joven, acabava de se preparar diante do espelho magicamente illuminado pelo seu rosto. Como a mamãe custava a se vestir! E, principalmente, como custava a chegar o padrinho!

Inclinado sobre a rua, Juanito via partirem os seus amigos, á mão das suas mamães, que, na porta da rua, ainda lhes faziam uma ultima caricia para alisar-lhes os

cabellos ou ajustar-lhes os gorros de marinheiro, com largas fitas em que se lia um nome. E elles partiam, dobravam a esquina, dirigindo-lhe ainda um olhar de adeus, sem se atreverem a gritar-lhe, porque os intimidava a presença dos seus paes graves, circumspectos... lam-se. E elle continuava na sacada, sem que





a sua mãe, já prompta, lhe dissesse: Vamos, Juanito! e sem que o seu padrinho viesse... Que havia succedido? Ficaria ainda em casa, naquelle domingo? E Juanito, sem animo de interrogar-a, olhava timidamente a mãe, que ia e vinha nervosa diante do espelho.

De repente ouviu gritos indignados e afflictos no interior da casa. A mãe, dirigindo-se á criada, exclamava:

— Também hoje, não pode vir, não é? Está claro: tem que levar os outros...

E, maguada e colérica, deixou-se cahir sobre uma cadeira, e começou a arrancar todos os seus enfeites, com gestos furiosos, desmanchando aquella figura de mulher feliz que com tanta paciência compuzera ao espelho para honrar o domingo... E o espelho parecia absorver todas aquellas graças, devorando-as no seu seio profundo. E ficava apenas uma mulher triste, mal vestida e desgredada...

Juanito, timidamente, deixou a janella e aproximou-se della, rapido. Presentia vagamente um mysterio de dôr e de vergonha. Quiz heijal-a, afim de a consolar, mas faltou-lhe a coragem. Eram tão duros, naquelle momento os olhos maternos, tão doces em outras occasiões! Perguntou-lhe, medrosamente:

— Mãe, não sahimos mais? O sol está desaparecendo...

Era verdade. A luz do sol afastava-se, dissolvia-se sobre as cariatides de marmore que fóra, no angulo da rua, sustinham o frontão de um edificio publico.

A mãe, furiosa, respondeu-lhe:

— Não, não podemos sahir. O padrinho não vem mais!

O padrinho! Juanito ficou pensativo. Adi vinhava vagamente.

— Mas porque não sahimos sós?

— Deixa-me em paz, menino! Não vês que a tarde está feia?

O pequeno olhou-a assombrado. Tarde feia?! Pois não hrilhava ainda o sol?

Mas não se animou a replicar. A tarde do domingo apparecia-lhe já desfeita como os adornos que a mãe atirára ao chão, como sombras prematuras. Os últimos companheiros partiam.

— Não vens, Juanito? gritavam-lhe.

Elle respondeu-lhes:

— Não! A tarde ficou feia.

E tristemente vio-os afastarem-se. Iam com os paes e as mães para o immenso parque tentador. Juanito pensou: «E' isso. Elles têm paes, eu só tenho um padrinho!» E pela primeira vez atormentou-o o enigma daquelle homem que só ia á casa de visita, a que o haviam ensinado a chamar padrinho e que no entanto ás vezes o heijava com tanta ternura...

R. Cansinos ASSENS.

## NADA DE NOVO

A arte de reparar os irreparaveis ultrajes dos annos é velha como o mundo. Acaba de ser exhumado do fundo da bibliotheca do Vaticano um velho papyro que revêla a existencia de institutos de belleza na Roma antiga.

Os donos desses estabelecimentos onde as bellas patricias vinham cuidar dos penteados, das mãos, e dos pés, chamavam-n'os: *andrapodocapeloí*. Esses institutos tinham machinas para tratar dos corpos e dar-lhes movimentos harmoniosos. Gabavam-se mesmo os appparelhos destinados a modificar um nariz muito achatado ou muito aquilino. Em todos os estabelecimentos o uso era apertar o corpo das raparigas com faixas para as tornar mais esbeltas. As nossas novidades datam pois de mais de dois mil annos...

## O MESQUINHO INSECTO...

Segundo recentes observações, os aeroplanos exercem um papel importante na caça e na destruição dos insectos. No verão, quando esses animalculos alados pullulam, notam-se sobre as helices dos aviões que voltam de longas viagens minusculas manchas de sangue a que adere uma enorme quantidade de patas. O curioso é que nunca se encontram nem as azas nem os corpos, violentamente repellidos pela helice e ás vezes aspirados pelo motor até aos órgãos essenciaes deste. Dessa forma tem-se visto moscas e outros insectos penetrar no carburador e impedir o apppareho de continuar o vôo depois de uma parada.

Está ahi uma revelação que faz pensar na fahula do mosquito e do leão, do bom e velho La Fontaine.





## Os parasóes

**O** PARASOL é o cogumelo das praias. Contrariamente á maior parte dos cogumelos da botanica, elle brota principalmente nos dias de sol e de calor.

Quanto mais quente é a temperatura, quanto mais ardente é o sol, tanto mais brotam á beira-mar os cogumelos-parasóes.

O parasol, ou cogumelo da praia, é em geral branco e listrado de vermelho. Ha no entanto alguns todo escarlates e outros riscados de azul.

O parasol, ou cogumelo da praia, tem de commum com o gyrasol esta particularidade: volta-se sempre para o lado do sol.

Os parasóes, ou cogumelos da praia, se-meiavam-se todas as manhãs entre as dez e as onze horas. Os seus cultivadores os plantam na areia das praias de accôrdo com as necessidades do consumo.

\*\*\*

E' á hora do banho, ao meio dia e tambem á tarde, pelas cinco horas, que a cultura dos cogumelos-parasóes se torna intensa.

Os cogumelos-parasóes irrompem então da terra com a rapidez dos seus confrades do matto na manhã seguinte a uma noite de chuva forte. E a sua colheita realiza-se á tarde, á hora em que os banhistas correm ao Cassino.

O cogumelo-parasol, apesar de não ser comestivel, não é venenoso. Mas abriga sob a sua umbella individuos de sexos differentes que ás vezes aproveitam a sua immobilidade prolongada para distillarem o veneno da maledicencia.

Aliás é muito instructivo um passeio através da floresta de cogumelos-parasóes.

As pessoas abrigadas á sua sombra não têm desconfiança alguma e acreditam-se em sua propria casa. E nem imaginam que o parasol é uma casa que só possui o telhado e em que só os discretos podem morar sem perigo.

Cada uma dessas cupolas listradas de vermelho é uma ha-

bitação ao ar livre em que as pessoas geralmente mais dissimuladas se julgam ao abrigo dos olhares indiscretos.

E' pois um prazer para o observador passear entre as pequenas succursaes — abertas aos quatro ventos — dos chalets cuidadosamente fechados e das «villas» mysteriosas... Ahi se mostram ingenuamente as pessoas taes quaes são no seu intimo e podemos devassar-lhes o pensamento como por grandes janellas abertas sobre innumerables intimidades.

\*\*\*

Aqui está, por exemplo, voluntariamente alinhada por um cultivador methodico, uma série de cogumelos-parasóes. Dir-se-ia uma pequenina rua cujas casas não têm fachadas. Vamos por ella. Uma vez que as janellas estão abertas, insinuemos de passagem o nosso olhar; que digo? entremos sem bater e sem nos fazer anunciar, pois que não ha portas nem porteiros.

\*\*\*

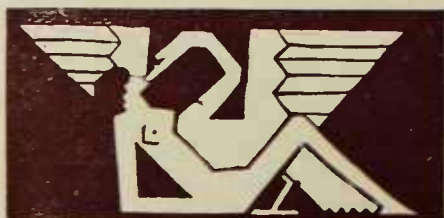
**PARASOL NUMERO 1** — Gente chic e bem vestida. Têm, ambos, os olhos pregados ao azul do céu. Desde ha tres quartos de hora que alli estão e não trocaram palavra. Cada qual pensa numa coisa que não interessa ao outro. E sentem-se bem sob o parasol, porque a animação ambiente propicia os seus devaneios.

— Ella julga que eu me interesso pelo que se passa em tôrno e deixa-me socegado... pensa o rapaz.

— Elle julga que eu me interesso por todos esses imbecis e deixa-me em paz... pensa a moça.

**PARASOL NUMERO 2** — Classe média.

Um senhor já madurão e tres damas nas mesmas condições. Elle fala e ellas ouvem. E' um «causeur». As damas ouvem com respeito a erudição de dicionario do cavalheiro. Elle tenta explicar porque a maré monta e cresee. Infelizmente entre





as senhoras há uma curiosa que o embaraça com as suas perguntas. Mas logo as tres damas, cansadas de ouvir, mergulham nos seus devaneios respectivos, limitando-se a menear ligeiramente a cabeça afim de não desanimarem o orador que continua a desfiar todas as banalidades e todos os logares-communs.

PARASOL NUMERO 3 — Um flirt. Elles se olham nos olhos e se dizem baixinho coisas que devem ser muito ternas, pois que cada qual parece agradecer ao outro as palavras ditas. Jovens recém-casados? Uma aventura? Sentimo-nos indiscretos e, não podendo fechar a porta, passamos adiante...

PARASOL NUMERO 4 — Um senhor, a esposa, duas filhas de physico ingrato, com dote e desejo de casar. Parasol melancolico e provincial. Silencios interminaveis cortados por breves reflexões que não valiam a pena de serem pronunciadas. Tédio. Mediocridade. Preoccupações de futuro...

PARASOL NUMERO 5 — Um senhor, só, lê um jornal da primeira á ultima linha, sem levantar os olhos, haja o que houver. Como um jornal não é tão longo assim, a gente supõe, ao fim de uma hora, que o cavalheiro recomeça a leitura, desde a primeira linha...

PARASOL NUMERO 6 — Um viveiro de passaros. Duas senhoras tagaréas, tres moças e quatro meninas chocalheiras. Nove pessoas e nove conversações. Uma «soirée», de papagaios zarolhos. E' o record de velocidade dos moínhos de palavras. Tres assumptos por minuto. Exclamações. Risos. Moto-contínuo da palavra humana. Tlín-tlín, ruido articulado mas sem significação. Elocução mecanica. Cascatas de riso. Jactos de syllabas. Quando já não ha coisa alguma, ainda ha muita coisa...

## Um verão da Independencia

Gonçalves Ledo cujo nome, depois de quasi um seculo de esquecimento, volta á tona para fulgurar na nossa historia com o maximo do seu esplendor, começou a trabalhar pela nossa emancipação politica com ideas republicanas muito antes de varios dos que são apontados como os seus autores exclusivos.

Quando se deu a invasão francesa em Portugal, sendo José Bonifacio lente da Universidade de Coimbra e Ledo académico, aquelle concitou os seus discipulos nascidos no Brasil a formarem um batalhão que fosse dar combate ás tropas de Junot. Gonçalves Ledo não accitou o convite do Andrada, e escrevendo para Londres a seu irmão Custodio, em 1808 assim se exprimia :

«Mas eu tenho razões patrioticas para não acompanhar o dr. Andrada nas forças de Frant. A invasão do general Junot, a partida do Rei e da Côte para o Rio de Janeiro, o Tratado de Fontainebe'au, os acontecimentos que ora se desenrolam na Europa são, e ninguem o negará de boa-fé, o início, sinão o grande passo da nossa formação nacional, da Liberdade do Brasil.

«Partirei d'aqui brevemente e acompanhado de mais amigos irei organizar no Brasil a primeira loja maçonica que será o centro da propaganda liberal no Brasil. —

*Joaquim Gonçalves Ledo.*»

Esta carta demonstra que Gonçalves Ledo iniciou entre nós a campanha da independencia antes mesmo da revolução pernambucana de 1817; sendo de justiça portanto que se lhe dê na nossa historia o logar de evidencia que lhe compete de direito pela intrepidez da sua acção intelligente.

— 103 —



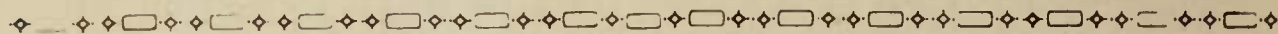
ARTE MEXICANA

Motivo de arte yucateca, de puro estylo indigena



AS OBRAS PRIMAS DA PINTURA

La Fortune passe, de Quinsac. — (Salão de Paris, 1912)



Tudo o que é justo já foi pensado, mas devemos fazer esforços para pensá-lo de novo. — GOETHE.

O amor desapareceu, era a innocencia do coração e a Humanidade está na idade adulta. — COELHO NETTO.

O MAIOR RELOGIO DO MUNDO é o do edificio da Metropolitana, companhia de seguros de vida com sede em New-York. Os ponteiros desse relógio monstro occupam a altura de tres andares e quando passam diante das janellas fazem tréva absoluta no interior do prédio.

SEGUNDO UMA ANTIGA superstição romana, cada mulher tinha um fio de cabelo consagrado a Proserpina, rainha dos infernos, e só morreria quando esse fio cahisse.

Uma bella série de trabalhos do mestre veneziano Umberto Belloto que com echnica segura e grande originalidade une o ferro fundido ao vidro e ao esmalte.

ANTES DA GUERRA esteve em moda na Allemanha o uso de photographias nas unhas. Esta moda foi lançada por um sobrinho do ex-kaiser que ostentava, sobre a unha, um minuscuro retrato da sua noiva.

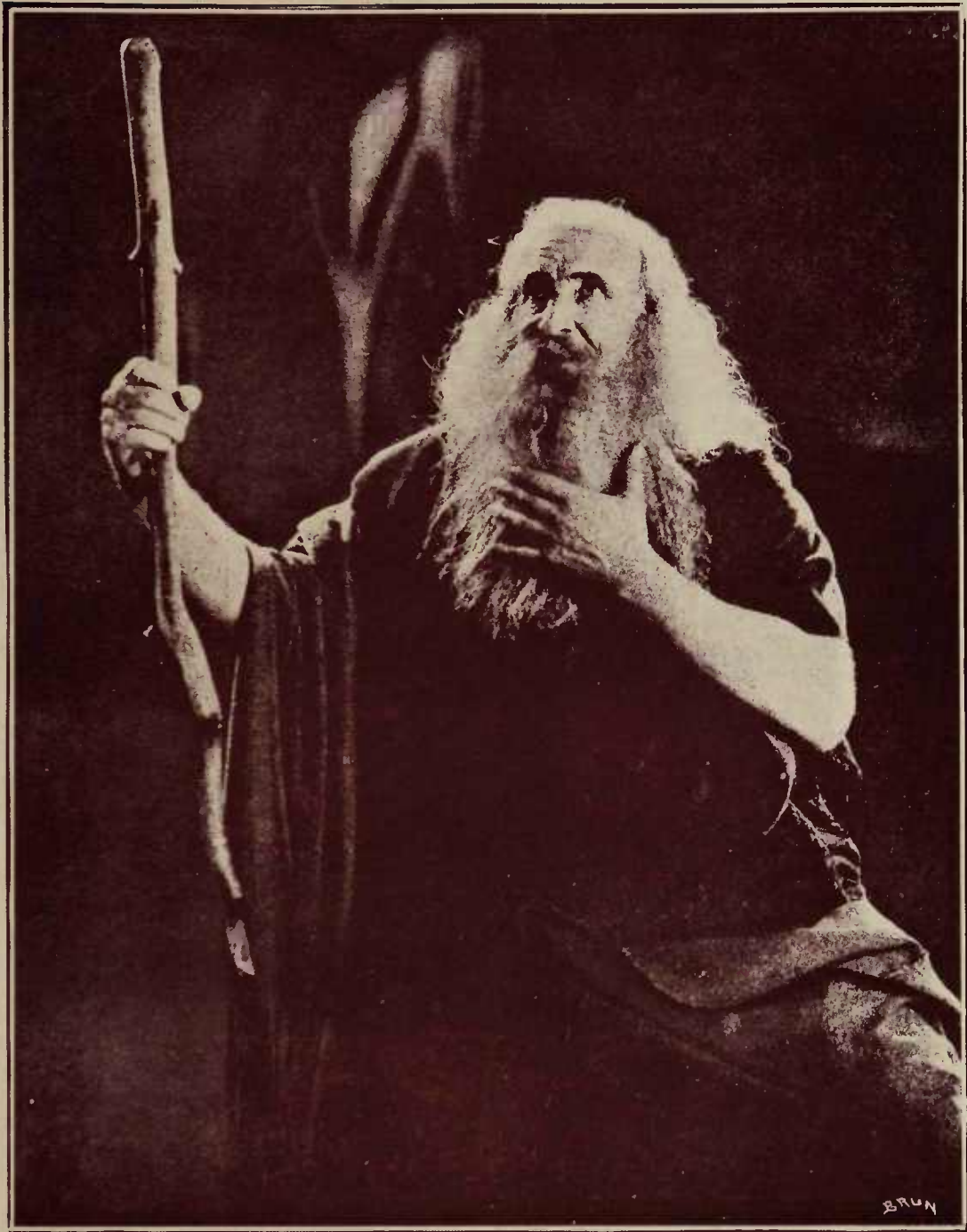
Como o chloroformio, a mentira tem a sua conta de ser applicada. A certo ponto é indispensavel retirar o fluido das narinas do anestesiado, abrindo as janellas por onde penetre a regeneradora corrente de ar e luz.

Eduardo Ramos

A BANDEIRA NACIONAL mais antiga é a da Dinamarca, que se usa desde 1219.







MOYSÉS, O LEGISLADOR

Uma interpretação de Theodoro Roberts, no prologo biblico d'Os dez mandamentos". a nova produção de Cecil B. de Milies.

VERSOS DESCONHECIDOS

DE RUBEN DARIO

**R**UBEN Dario, o «rouxinol de Nicaragua» como o classificou um critico, deixou uma obra vasta, attestado não só da sua fecundidade, mas tambem da sua esplendida imaginação. Com Amado Nervo, elle foi talvez a figura mais expressiva da poesia centro-americana, para não dizer da hespanhola pelos accents novos que introduziu no harmonioso e plastico idioma de Cervantes transplantado para os tropicos.

Além dos volumes que correm mundo, ha de Ruben Dario innumerados poemas que se perderam em publicações ephemerhas ou nas mãos de amigos.

A revista «Cuba Contemporanea» offerece-nos agora algumas dessas produções «quasi» ineditas. E todas ellas evidenciam o mesmo esplendor verbal, o mesmo sopro lyrico que caracteriza a personalidade do extranho cantor de «Prosas profanas».

Eis uma dessas encantadoras joias traduzida para a nossa lingua, em prosa, para não lhe prejudicarmos a idéa.

COMO POMBAS

«Ante a loira Cipria que inflamma o coração os tigres da Hircania se transformam em pombas ;

Ouve-se já o alegre ruído do carro de Tiantania, que enamorada, procura os beijos de Oberon.

A festa das rosas e o canto dos ninhos enchem os verdes campos e povoam o vergel.



Despertam nos pincares os passaros adormecidos sobre as folhas frescas do lyrio e do loureiro.

Quem é essa que chega, tão bella como Flora? Quem é essa divina e adoravel imperatriz ?

Quem é essa que tem os labios da Aurora, e a fronte casta e pura como uma flor de liz ?

Quando anda, esparge lyrios; e quando olha, estrellas.

Quem seu sorriso visse, para morrer depois ! Quem um formoso principe fosse para seguir-lhe o rastro ! Quem fosse um deus amante para beijar-lhe os pés !

Por ella, um passaro está triste na montanha, porque sentiu o perfume da fragrante flor. Viu-a o céu n'uma noite magnifica e extranha, e um astro por ella está morrendo de amor.»

UMA SENHORA de idade indefinida canta num salão uma coisa rarissima a que ella propria chama romanza. Um ouvinte pergunta a outro :

- Como se chama isso ?
- «O adeus á vida».
- Não diga mais nada. Eu pago o enterro...

— Conheces o doutor Lopes, especialista em molestias da pelle ?

— Como não? Fui o primeiro cliente a quem elle arrancou couro e cabelo...

—40—

PROVERBIO CHINEZ

O melhor disfarce para se viajar sem medo dos ladrões é o de policia; o melhor para se viajar sem medo da policia é o de ladrão.



# OS FRUCTOS DE UMA ADMINISTRAÇÃO PROGRESSISTA EM SERGIPE

## Como o dr. Graccho Cardoso vae encarando o problema da instrucção no Estado

**S**ERGIPE está agora entregue a uma administração honesta e intelligente, que trabalha. O Sr. Graccho Cardoso, primeiramente, soube cercar-se de um conjunto de auxiliares, antes do mais jovens, e cheios de leaes intenções de trabalho. Da irreprochavel gestão dos negocios publicos daquelle Estado, tem-se uma sincera e inconfundível impressão, atravez a leitura da recente primeira mensagem do governador sergipano, que é um documento á altura dos meritos do principal auxiliar do mais efficiente ministro da agricultura, que jamais tivemos, Sr. José Bezerra.

Da leitura da alludida mensagem, sente-se que Sergipe entra n'uma segura phase de trabalho e prosperidade. Antes do mais, as suas finanças vão sendo postas em ordem, e o seu novo governador vae encontrando recursos, para pôr em funcção as forças vitaes do Estado. Primeiramente, a receita a ascender, de maneira a já quasi attingir o nivel excepcional que se alcançou com a guerra. De outro lado, enquanto as rendas se fortalecem, é exacto que as despesas tambem avultam, mas se invertendo a renda em obras e serviços de patente utilidade para o Estado. E' assim que, levando para o governo do seu Estado, uma noção avisada das forças economicas nacionaes, o Sr. Graccho tem as suas vistas de preferencia voltadas, para a economia agricola de Sergipe. E o plano, que s. excia. esboça, nesse particular, em sua mensagem, não ha duvida que merece os mais francos applausos.

Mas não é só neste importante campo da administração publica, que o governo de Sergipe tem concentrado os seus cuidados de atilado homem de governo. A instrucção publica, conforme

se sente da mensagem, está lhe merecendo util attenção. Acompanhemos em parte as palavras do governador Graccho Cardoso nesse particular. Diz s. excia.:

Sergipe, tradicional viveiro de excellentes educadores, não deve esquecer o seu brilhante passado, cumprindo-lhe por um pouco mais de desvelo e de carinho na formação dos mestres incumbidos de preparar as gerações do futuro. Não ha funcção tão primordial para um povo nem mais delicada para um Governo. Seleccionemos, associemos a aptidão ao saber, enfim reformemos sinceramente a nossa instrucção, a começar pela normal, porquanto só os professores consumados tornam as escolas capazes.

De que vamos a cada passo comprehendendo melhor que o ensino é um alimento indispensavel é documento frisante a crescente progressão da matrícula geral nos estabelecimentos escolares, consignada na estatística abaixo:

| Annos | Matricula | Frequencia |
|-------|-----------|------------|
| 1920  | 9.669     | 7.434      |
| 1921  | 9.860     | 7.855      |
| 1922  | 10.032    | 7.940      |
| 1923  | 10.841    | 8.694      |

Actualmente, o Estado mantém 243 estabelecimentos de ensino, assim discriminados: Atheneu Sergipense 1; Escola de Commercio 1; Escola Normal 1; Escola Complementar 1; Grupos Escolares, na capital 4; em Estancia 1; em Capella 1; Reunião de Escolas, 1.

O numero de escolas isoladas attinge a 227, sendo: na capital, 12; nas cidades, 52; nas villas, 38; em povoados, 152. Para meninos, 46; para meninas, 50; mixtas 131.

O movimento dessas escolas foi o seguinte:

|         | Matricula | Frequencia |
|---------|-----------|------------|
| Meninos | 4.241     | 3.359      |
| Meninas | 4.499     | 3.565      |
|         | — — —     | — — —      |
|         | 8.740     | 6.924      |

A matricula em duas escolas nocturnas de Aracajú, em duas da cidade de Estancia e em uma de Propriá, unicas existentes, accusa este movimento assás desfavoravel e significativo do pouco proveito que representam: matricula masculina, 95; feminina, 89; frequencia masculina, 58; feminina, 81; ou seja o total de matricula de ambos os sexos, 184; total de frequencia de ambos os sexos, 139.

Dos 10.032 alumnos matriculados nos grupos e escolas isoladas no anno de 1922, apenas 160 terminaram o curso primario de 4 annos, retirando-se a maioria no 2.º, 3.º e 4.º annos, antes dos exames finaes. Desses 160 alumnos que terminaram o curso, 102 são do sexo feminino e apenas 58 do sexo masculino, assim distribuidos: nos grupos escolares da capital, 88, sendo 23 meninos e 65 meninas; no grupo escolar de Cappella, 5, sendo 4 meninos e uma menina, e nas escolas isoladas, 67, dos quaes 31 meninos e 36 meninas.

Quanto á inspecção escolar, o numero de zonas em que se reparte o Estado foi reduzido a tres, consoante o decreto n. 804, de 23 de Abril do corrente anno.

A primeira abrange 5 grupos e 49 escolas isoladas; a segunda 1 grupo, 1 reunião de escolas e 83 escolas isoladas; a terceira 95 escolas isoladas.

As Caixas Escolares devem subsistir tanto pelo auxilio official como pelo favor popular. Entre nós, o prestimo dessas instituições mixtas não logrou ainda arraigar-se no entendimento e nos habitos das populações, de sorte que desfallecem por ausencia de socios contribuintes. A situação dellas está a solicitar das vossas luzes uma providencia.

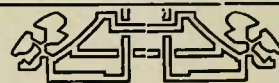
Por sua vez, a hygiene escolar, o mais palpitante aspecto da hygiene moderna, urge ser creada e systematizada, por maneira adequada e completa.

Nesta ordem de ideas adeantadas, um dos cuidados do governo sergipano foi transformar muitos edificios de cadeia, no interior do Estado, em escolas e grupos escolares. E' dessa nova orientação que surgiram os grupos escolarse de Sylvio Romero e Vigario Barroso. Mas além dessas adaptações felicissimas, registra-se a criação de novos grupos escolares, nos pontos mais importantes do pequeno e progressista Estado.

Estas ideas adeantadas do actual governo sergipano ainda mais se precisam na attenção com que o Sr. Graccho Cardoso procura melhor apparellhar o «*Athenaeu Sergipanus*», curando especialmente de uma bibliotheca digna de sua finalidade. Mas não é só da instrucção em geral que cura zelosamente o avisado administrador. Correlatamente com um intelligente plano de economia agricola, o Sr. Graccho Cardoso vae attendendo com muita visão, ao problema da educação profissional. E' nessa ordem de cuidados que a mensagem merece ser lida attentamente, principalmente quando trata do Instituto Profissional Coelho e Campos.

Hoje, esse Instituto tem um bello patrimonio. Além disso, é uma officina de trabalho e riqueza utilissima para o Estado.

Só esse lado de uma administração seria o bastante para recommendar á gratidão dos habitantes de um Estado, a conducta de um administrador. Vê-se que ha ali uma intelligencia culta e progressista, liberta dos cuidados absorventes da politicalha. Este exemplo, que dá Sergipe, é o que se impunha nos demais Estados da Federação que se amofinam n'um ambiente irritante de competições pessoais.

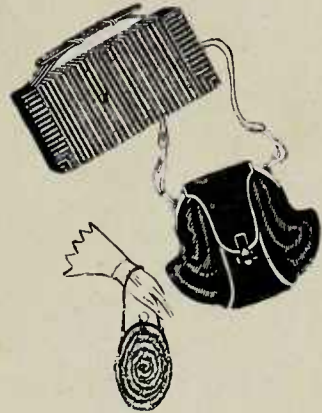


A experiencia de nada vale, porque um facto nunca se reproduz com as mesmas circunstancias. — PIERRE LOUYS.

De quantos assassinatos se compõe uma grande batalha ?

Eis um ponto em que a nossa razão se perde e nada sabe dizer. — ALFRED DE VIGNY.

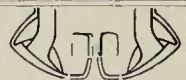
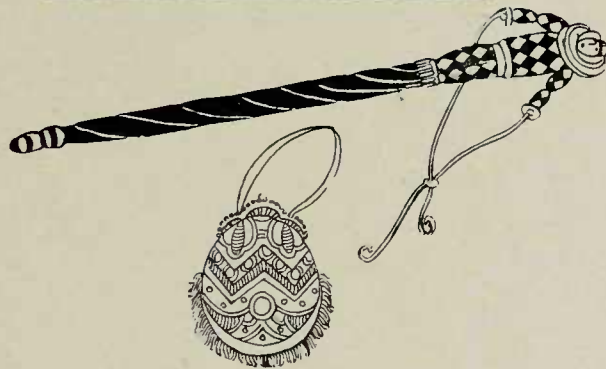




Dedicando embora todas as forças da sua attenção á moda em conjunto, a mulher não deve nem por um momento descurar os detalhes.

O mais insignificante pormenor é capaz de comprometter todo um systema

construido com o maior carinho: E' por isso que a industria se esforça por dar um cunho elegante e e distincto aos menores objectos: bolsas, sombrinhas, leques, que são os modestos auxiliares da gloria feminina... no footing e nos salões.



## A ASSUMPÇÃO E OS PINTORES

**E**M todas as épocas foram os mestres de arte inspirados pela imagem da Virgem e a interpretaram diversamente.

Limitemo-nos aos antigos: uma das primeiras obras conhecidas é a pintura a fresco de S. Clemente, em Roma, que data do seculo nove

Em todos os museus do mundo se acha representada essa apotheose de Maria. Como citar todos os *sanctissima assumpta* da Italia? Ha os de Andrea del Sarto, de Perugino, de Tintoretto, de Paulo Veronez. Ticiano havia feito uma obra-prima que por muito tempo ficou ignorada no convento de Frari, onde foi descoberta,

em 1518, pelo marquez de Cigognora, que a doou á Academia de Veneza.

Dresde possui uma Virgem carregada por anjos sobre nuvens, composição de Raphael. Em Dusseldorf ha sobre o mesmo assumpto um quadro de Rubens, como na National Gallery, de Londres, se encontra um interessante trabalho de Boticelli. Mas de todos os genios da pintura, é Murillo o que merece o titulo de pintor da Virgem. Ha, do mestre hespanhol, tres assumpções na Inglaterra e uma em Petrogrado.

Quanto a Poussin, pintou nada menos de treze quadros sobre o assumpto.

# SYPHILIS? só Luetyl



## A PALAVRA OFFICIAL

.....  
Contra factos não ha argu-  
mentos nem concurrentes

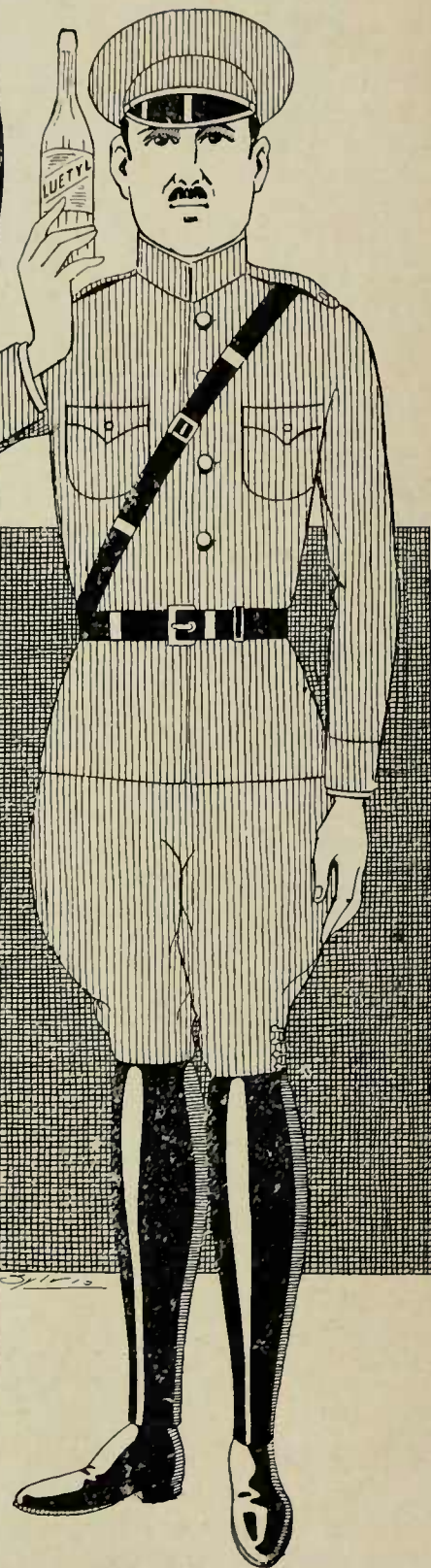
O que diz o Governo no  
Hospital Central do Exercito

Attesto que empreguei o prepara-  
do **LUETYL**, em um caso de sy-  
philis cutanea, na 8.<sup>a</sup> enfermaria obten-  
do um resultado surprehendente. O  
doente, que pesava 38 kilos, augmen-  
tou seis kilos com o uso de vidro e  
meio do referido preparado, tendo as  
manifestações cutaneas cicatrizado  
completamente.

(Assignado). Dr. Humberto Mello,  
1.<sup>a</sup> tenente encarregado da 8.<sup>a</sup> enfer-  
maria.

.....  
**O UNICO QUE DIZ**  
Basta tomar um vidro, si for Syphilis  
ficará melhor, aumentará de 1 a 4  
kilos; si não ficar melhor procure o  
seu medico.

**LEIAM A BULLA**





## O THEATRO RUSSO CONTEMPORANEO

**A**NTES da revolução, o theatro dramático russo havia chegado á perfeição. O «Theatro de Arte», de Moscú, depois de haver feito, em 1905 e 1906, a sua «tourné» pela Europa e pela Norte-América, tornou-se famoso em todo o mundo. O seu director, Stanislavsky, que foi o creador e o inspirador desse theatro de naturalismo puro, parecia antes o propheta de uma nova religião theatral e os artistas que o acompanhavam foram bem os seus fiéis.

Todos elles, artistas de primeira ordem no desempenho dos seus papeis, por mais insignificantes que estes fossem, se transformam na personagem que representam e conseguem crear uma figura perfeitamente real e viva, o que explica a funda impressão que sempre causou ao publico. O espectador crê contemplar a propria vida palpitante e não a sua representação no palco.

Com a revolução bo'shevista uma parte da companhia do «Theatro de Arte» deixou Moscú e, com grande exito artistico, percorre a Europa e a America.

A outra parte permanece no seu paiz e trabalha actualmente no seu antigo theatro. O seu repertorio é formado pelas peças de Chejov, Andreiv e por obras classicas, tanto russas como estrangeiras. Entrementes, a revolução russa exerceu uma grande influencia sobre a

evolução da arte dramática daquelle paiz. Entre os artistas e directores das companhias appareceram reformadores e revolucionarios que tinham sobre os fins da arte theatral opinião propria, bem distincta da de Stanislavsky.

Segundo o seu criterio, o theatro não deve servir para reflectir a vida real, mas para crear o seu proprio mundo de illusões e de sonhos.

Com esse proposito renunciaram, pois, ao ultra-naturalismo do «Theatro de Arte» e querem voltar á antiga fórma da *artificialidade* no palco.

Um desses revolucionarios theatraes, Fairoff, instituiu em Moscú o «Theatro de Camara». Outros artistas, entusiastas como elle e adeptos da nova crença theatral, formaram a companhia do seu theatro, cujo repertorio consiste em tragedias e *arlequinadas*. Os pintores russos das escolas modernissimas fazem decorações para esse theatro ultramoderno e desenhos para os trajés dos interpe'es, verdadeiramente fantasticos.

O theatro é frequentado pelo seu publico sempre numeroso.



PHOTOGRAPHIA ARTISTICA

Retrato de criança, de Remfeldt, norueguez

\*\*

Outro revolucionario theatral, Vajtangoff, morto ha pouco, tornou-se famoso e até ines-

quecível pela sua direcção das peças do theatro «Habima».

Este theatro, creado em Moscou ao tempo da revolução, é a primeira tentativa da representação, na Russia, de peças dramaticas em hebreu antigo. Os artistas que formam o seu elenco são jovens dotados de muito talento e entusiasmo. O melhor testemunho do valor de tal conjuncto é a carta de Maximo Gorki publicada num periodico russo editado em Berlim, na qual o eminente escriptor diz que os artistas do theatro «Habima» o fazem recordar os do «Theatro de Arte», na época da sua juventude, quando, cheios de entusiasmo, estavam a crear a famosa companhia.

Em 1918 formou-se em Petrogrado o primeiro theatro infantil sob a direcção de Borich e de um conselho theatral formado de famosos pedagogos e cultores da litteratura infantil.

Até agora, em nenhuma parte do mundo, despertou interesse a criação de um theatro infantil, a não ser as tentativas de uma sociedade pedagogica de Budapest e as de Benevente, na Hespanha, todas infructiferas.

No entanto o theatro infantil pode considerar-se como uma forma ideal de theatro em que os artistas e o publico se sentem unidos, pois que os meninos, que possuem a imaginação mais viva e espontanea que os adultos, participam da vida do palco com toda a alma e apreciam com entusiasmo o trabalho dos artistas.

Ao theatro infantil se attribue uma grande importancia pedagogica. Nelle se representam peças de character instructivo que muito influem no desenvolvimento da moral dos meninos.

Funciona actualmente em Berlim um theatro infantil russo que tem sido muito apreciado pelo proprio publico allemão.

O repertorio do theatro infantil compõe-se dos melhores contos de Andersen, de Kipling, etc., e de peças especialmente para elle escriptas.

Nos theatros de opera, na Russia, tambem se realizam representações especiaes para a infancia.

As companhias de bailados russos são famosas no mundo inteiro. As companhias russas de opera fazem tambem a propaganda intensa da musica russa.

Assim, pois, a revolução russa não acarretou a decadencia da arte theatral daquelle paiz, mas produziu, ao contrario, a eclosão de formas novas que farão epoca na arte theatral.

R. L. de Dorfman.

—«0»—

E' precisa ás vezes tanta bravura para arrostar o encomio face a face, como as aggressões. — Raul POMPEIA.

—«0»—

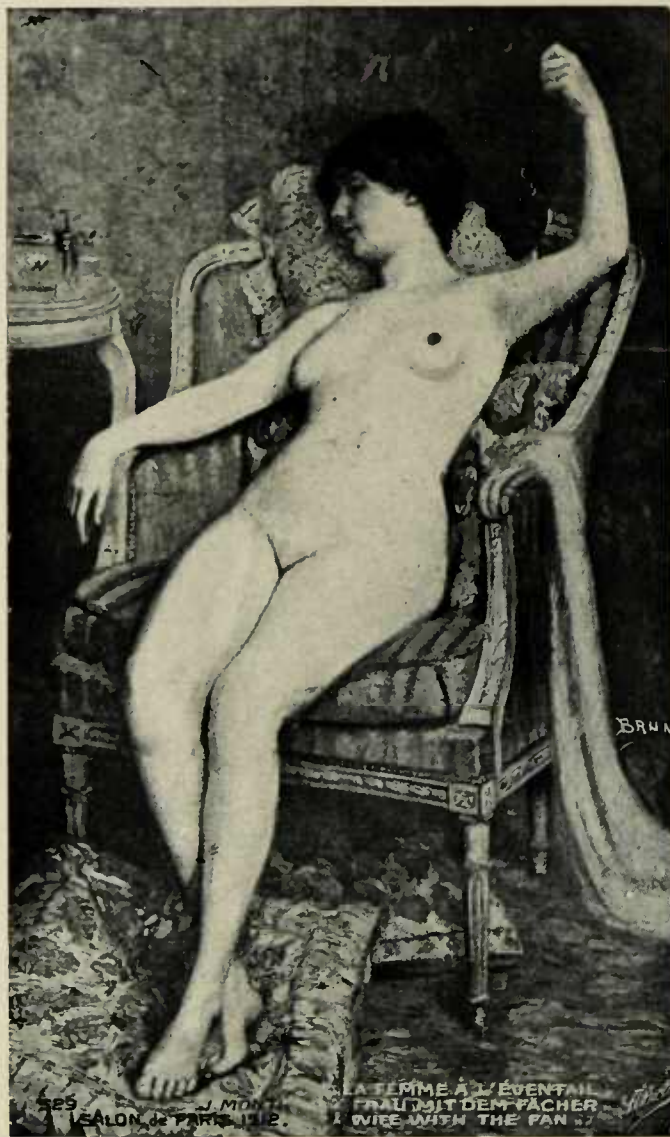
EM UGANDA é impossivel construir-se uma rede telegraphica porque os negros cortam e roubam os fios de cobre para fabricarem braceletes.

—«0»—

Só os grandes corações sabem quanta gloria ha em ser bom. — FENELON.

—«0»—

O melhor meio de se desfazer de um inimigo é fazel-o um amigo. — HENRIQUE IV.



## O NU' ARTISTICO

“La femme à l'éventail”, de J. Monti. (Salão de Paris, 1912)



## O DINHEIRO NAS RUAS

**O** México possui um trio de cidades celebres desde séculos passados pela sua exploração das minas de prata: Guanajuato, Zacateca e principalmente Catorce, esta envolta numa nuvem de lendas. Uma fabulosa história de quatorze bandidos com tesouros ocultos na montanha escarpada em que Catorce se alandora, dá-lhe uma atracção misteriosa e terrível, a que se junta o encanto do lugar estranho em que está situada a cidade mineira.

A montanha, quasi inacessível, cava-se numa especie de valle e ahi, como num nicho, se aninha a cidade. O tecto em fórma de terrasso de uma casa serve de apoio ao rez-do chão da outra. Nenhum vehiculo pôde circular nesse verdadeiro funil. Um longo tunnel que penetra a montanha e desemboca nos valles serve para o transporte de mineraes que é feito por vagões tirados por mulas.

Com o tempo, os terrenos argentíferos das montanhas parecia terem-se exgoitado. Agora, porém, descobriu-se que o sólo da cidade é mais rico ainda em prata do que as escarpas que a circumdam. Os proprios residuos das minas abandonadas contém ainda fortunas. Desta fórma, a exploração recomeçou com enorme intensidade: põem-se abaixo as casas, excavam-se as ruas que encerram tesouros mais preciosos ainda do que os dos quatorze ladrões da legenda local. E quem passa pelas ruas, deslumbrado com tanta prata, sente a impressão de que o precioso metal casca-teia pelas sargetas. E' a realização de um sonho das "Mil e uma noites"...



— A MODA —

Elegante costume de Marion Belle em "crêpe marocain" preto, com blusa e vistas de crêpe da China "beije" e preto.



## O AMOR EM LITTERATURA

**O** AMOR foi sempre, e em todas as civilizações, um dos principaes temas litterarios. Porque? Porque o amor é com effeito o centro da vida e a preocupação maxima do genero humano? No entanto talvez tudo se possa explicar como um caso de utilitarismo, de negocio litterario. Sim, fala-se muito de amor em litteratura porque os verdadeiros consumidores, os que formam a grande clientéla litteraria, são os jovens...

Estes formam a massa espessa do publico, a multidão impaciente e curiosa, o numero, o entusiasmo. São elles que se encarregam de exgottar as edições e de encher os theatros. São elles que lêem ávidamente, gulosamente, a qualquer hora do dia ou da noite, no peor dos logares, na mais incommoda das situações, sacrificando o somno, a alimentação, os prazeres, tudo enfim, pela satisfação do seu vicio imperioso. Mais tarde fazemo-nos displicentes, parcimoniosos, exigentes; vacillamos muito antes de lêr um novo livro e exigimos que elle nos diga coisas extraordinarias, porque a vida, por sua conta, já nos narrou muita coisa...

Não somos nós, os homens maduros, que fazemos com que se exgotem as edições. São os moços. E estes vivem cheios de idéas e sensações de amor. Assim se comprehende que escriptores e editores adulem e favoreçam a essa paixão erotica da juventude. Quasi todas as novellas começam monotonamente tratando, desde a primeira pagina, de um conflicto de amor, ou descrevendo uma indecente scena de luxuria. Mesquinha escravidão litteraria! Triste negocio, quando não se faz por necessidade do temperamento e sim por ganancia!

Os tragicos gregos nos demonstram que é possível realizar um dos maiores esforços litterarios sem que o amor sexual intervenha sinão em pequena parte. A tragedia grega do grande seculo manobra com outros conflictos mais profundos e mais humanos do que os que provêm do erotismo.

O amor filial e fraternal, o culto dos antepassados, a superstição religiosa, o odio, a vingança, a ambição, eis os principaes motivos da tragedia grega, tão cheia de paixão e de ternura, apesar da ausencia quasi completa do erotismo e da luxuria.

Jose M. SALAVERRIA

## “ESCRITORIO DE PSYCHIATRIA”

**O** SERVIÇO de objectos achados, da prefectura de policia de Paris, recebeu o nome de «escritorio de psychiatria e não ha um só dos seus empregados que não saiba a razão disso. A clientéla que elle recebe não se renova tanto como se poderia imaginar. São, em principio, sempre os mesmos os que perdem qualquer coisa e que voltam, pois o esquecimento é nelles um mecanismo de repetição.

Ha casos incriveis até: os de pessoas que esquecem naquella repartição o objecto que acabam de recuperar, ou outro qualquer, o que é conforme a theoria dos actos fallidos de Freud.

Uma senhora perde a sua bolsa, dá 10 francos de recompensa ao receptor do bonde que a achou e, alguns minutos mais tarde, deixa-a de novo num outro bonde.

Ha pessoas que perdem até a noção do caminho percorrido ou, quando escrevem, esquecem de dizer o indispensavel, isto é, o objecto perdido e reclamado: falam dos pais, dos amigos, das relações, do interesse que têm pelo objecto, lembrança de familia, contam a historia desse objecto mas esquecem de dizer de que se trata. Outras pedem uma resposta urgente, assignam de modo illegivel e não deixam o endereço!

Outro caso: um rapaz entrou lá um dia para buscar uma bengala que esquecera num bonde. O empregado consultou os livros e achou o registro da bengala. O rapaz desceu ao *guichet* das restituções, deixando no 1.º andar as luvas e o chapéu. A surpresa fzerá-o perder a cabeça. Recebida a bengala, elle assigna o recibo e... deixa-a no *guichet*!

Felizmente um empregado o espiava e não deixou que o rapaz sahisse de lá... sem paletot!

## O ESTYLO É O HOMEM

Eis uma phrase muito citada por pessoas que nunca leram o discurso academico de Buffon.

Ora, o grande naturalista disse «Le style est de l'homme même» querendo declarar com isso, não como se crê communmente, que a maneira de escrever de um autor trác o seu temperamento, mas que o estylo sómente, isto é, os materiaes que pertencem a todo mundo, constitue o mérito e a originalidade de um escriptor.

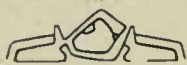






MUNDO SIDERAL

Florence Vidor, uma estrela que  
vale uma constelação...



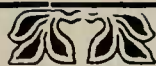
## O involucrio soberbo

A mulher deve apparecer-nos numa auréola de luxo, sentenciou o grande romancista em cuja obra a mulher a todo momento perpassa, num bater de azas ovantes ou estiraçalhadas. Verdade profunda de que se compenetraram os . . . costureiros, a ponto de crearem trajos como esta sumptuosa capa de veludo *broché*, trabalho parisiense que vem mais uma vez justificar a delação do sceptro da moda pela grande Cidade-Luz.





## AS NOITES DE VERÃO NO OUTEIRO DE -- MONTMARTRE --



Uma pequena praça, rectangular e calma, plantada de arvores e que se julgaria de alguma villa longínqua si não fosse o kiosque-vigia que a afeia.

As casas, em volta, têm apenas dois andares. Suas velhas fachadas fendem-se sob os telhados.

Por toda parte crianças brincam; creadas vão á fonte, gatos espreguiçam-se ao sol. Nas janellas roupas brancas enxugam.

Algumas lojas: um merceeiro, uma leitaria, e vendedores de vinho, conforme as taboletas dos seus estabelecimentos.

Estamos todavia em Paris, ao lado do Sacré Coeur, no cimo do Outeiro de Montmartre e é a praça do Tertre que marca o ponto mais alto da capital, pois se eleva a 129 metros acima do nivel do mar.

Quem, portanto, entre as pessoas da cidade, tentaria essa ascensão pelas ruas estreitas e pedregosas, que acabam, na maior parte, em escadaria? Com certeza pequenos burguezes e artistas de uma nova «Vie de Bohème» que se installaram nessas alturas estão ao abrigo dos visitantes indiscretos...

A's 8 horas da noite ahí estamos, e subitamente a pequena praça se enche de uma animação inesperada. De todos os lados, por estas quentes noites de verão, um extranho publico afflue: burguezes abastados, pessoas do povo, personalidades do «Tout-Paris», inglezes e americanos de passagem. Uns vêm a pé ou pelo

funicular de Montmartre, outros em taxi, outros ainda em seu próprio carro, pelas ruas Lepic e Lamarck. Em breve estabelece-se a balburdia. Os automoveis com os motores estafados são arumados com difficuldade.

Como por encanto os passeios, o centro da praça e as calçadas exteriores, inclusive, se cobrem de mesas, cadeiras e bancos que são disputados pela multidão.

Um milagre converteu a menor barraca no maior restaurante que, de uma cosinha de 4 metros quadrados no fundo da loja, fornece cincoenta, cem jantares...

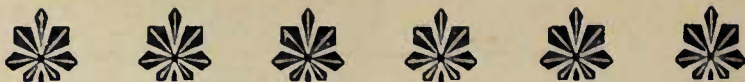
Podeis escolher: aquí a «Maison Catherine», o Clairon des chausseurs à pied», o «Restaurant du Tertre». Num aristocratico isolamento, na praça Calvaire, contigua, está o «Coucou». No cimo da rua Saint Rustique está o «Moulin joyeux».

Podeis pedir um menú succulento: Legista á americana, frangos á caçador... O preço está na altura das exigencias.

Si tiverdes que esperar vossa mesa, aproveitae para ir até á loja de antiguidades, sob esta taboleta «The Old Curiosity Shop»: allí encontrareis estatuetas em gesso de Joanna D'Arc e de Napoleão...

Tal é, effectivamente, a ultima predileção parisiense: ir jantar ao ar livre, no Outeiro de Montmartre. E' coisa aliás agradável. Em volta de nós a vida do bairro continua. Um philosopho, num banco, fuma indifferente o seu cachimbo. Um casal familiar, hospede de uma tenda mais





## PÚRPURA Y MÁRMOL

*Desnuda en la opulencia de su carne estatuaria,  
en la alcoba purpúrea de imperial terciopelo,  
está la hembra imponente. Lo excesivo del pelo  
la obliga a andar con cierta molicie involuntaria.*

*Los espejos son de una limpidez visionaria,  
y en su fondo que miente lontananzas de cielo,  
la mujer se contempla con fanático celo,  
entanto que modula las cadencias de un aria.*

*Por las altas ojivas entra el sol de la tarde ;  
relnombra en los tapices ; en las púrpuras arde,  
y en la alcoba el ocaso se refugia y c mpendia.*

*Y entre la llamarada de carmin del instante,  
la mujer es cual una columnata joyante  
de una ciudad de mármol que de pronto se incendia.*

Miguel RASCH ISLA.

(Do livro «Cuando las hojas caen...» recentemente apparecido em Bogotá, Colombia).

## As moscas falam e ouvem



Depois de terem verificado que as aranhas gostam da musica, que os peixes ouvem e outras curiosidades desse jaez, tentaram os sabios descobrir si as moscas falam entre si. Um doutor americano chegou enfim a constatar que essa linguagem existe e que não é puramente mimica como a das formigas. As moscas emittem sons variados e dis-

modesta, está installado sem cerimonia, pois o homem tirou o paletot...

Os «petits Poulbots» andam entre as mesas não recusando alguns vintens, nem punhados de cerejas...

Os cantores populares modulam romanzas seninentacs acompanhando s nas suas guitarras, antes do peditorio...

Estes hospedes elegantes, cujo auto espera sobre o rude pavimento da rua Mont Ceais, estes estrangeiros que a complacente indicação dum porteiro de hotel fez subir em tão alto na falaz esperança de se misturarem com os «rapins» e que se admiram de se reverem como em uma tour-

tinctos. O aparelho para isso usado foi o microphono e o observador teve occasião de escutar, durante duas horas, a palestra que entretiveram animadamente tres illustres moscas.

As tres distinctas representantes da familia das muscidas commentaram jovialmente a questão do cambio, do desarmamento, da tuberculose e dos assucareiros hygienicos e a conversa terminou com a phrase lapidar da mais velha :

Não! Decididamente o homem é o rei... da blague!

née da Agencia Cook, suspeitarão, porventura, da riqueza de recordações que surgem de todas as partes em volta delles ?

Porque Montmartre. — o verdadeiro, o do Outeiro, que nada tem de commum com as «boîtes de nuit» fraudulentas do bairro Pigalle — conservou o seu acolhimento familiar.

A fama que agora o beneficia durará muito tempo ?

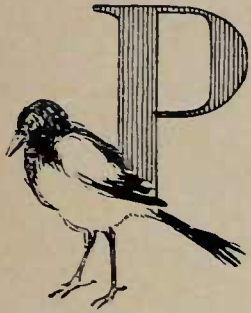
Robert de BEAUPLAN





# DIALOGO SOBRE O AMOR

## O NAMORADO



POIS eu te asseguro: tudo adquire uma realidade luminosa. O mundo iluminou-se para mim. E o que até então era para mim vazio de sentido, o que precisava de explicação, torna-se agora transparente... Na realidade, um sopro do Espirito Divino acaba de visitar-me.

## O MISANTHROPO

Porque todas essas exclamações atropeladas e presumçosas? Simplesmente porque estás apaixonado. Isso te dá um ar grotesco de sufficiencia, quando o natural seria que, conhecendo o ridiculo que ha sempre no amor, tratasses de dissimular-o.

## O NAMORADO

Pois não te commove o espectáculo do a-

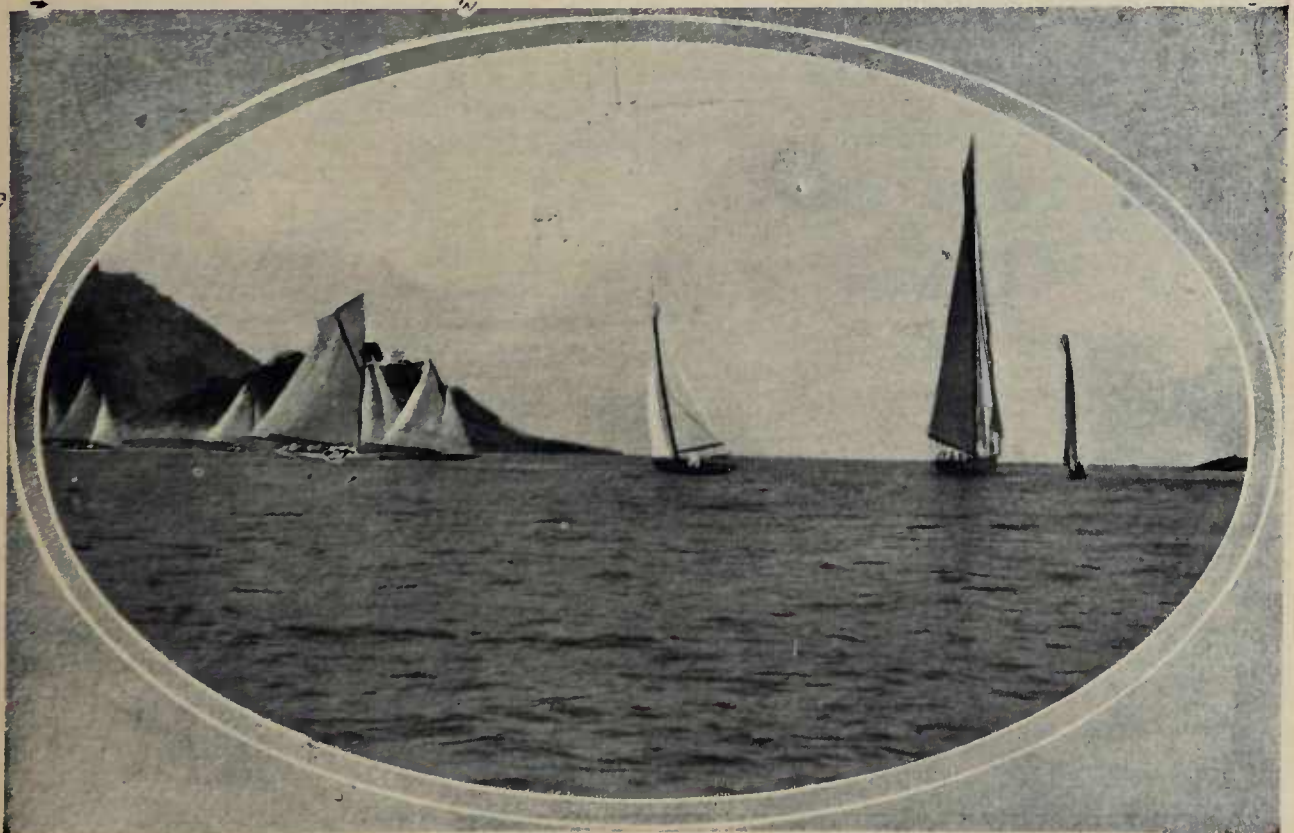
mor? Estás até esse ponto carcomido e aviltado pela tua taciturna misanthropia? Nada ha, sob o céu, tão transcendente como o amor.

## O MISANTHROPO

O amor, ao contrario, é a função mais logica, quotidiana e vulgarmente necessaria que existe no mundo. Por isso se torna sempre ridicula a vaidade com que o apaixonado proclama o seu amor, como si de facto possuísse alguma coisa excepcionalmente rara. Desejarias que eu me commovesse ante essa paixão que te exalta, e eu só posso sorrir. A vaidade do namorado é a coisa mais insupportavel para os outros, e a mais grotesca, como é grotesco assistir, de muito longe, o movimento dos pares num baile. Em summa: o amor nada tem de extraordinario, porque é uma função naturalissima de que se vale a Natureza, e porque se pratica diariamente em tórno de nós.

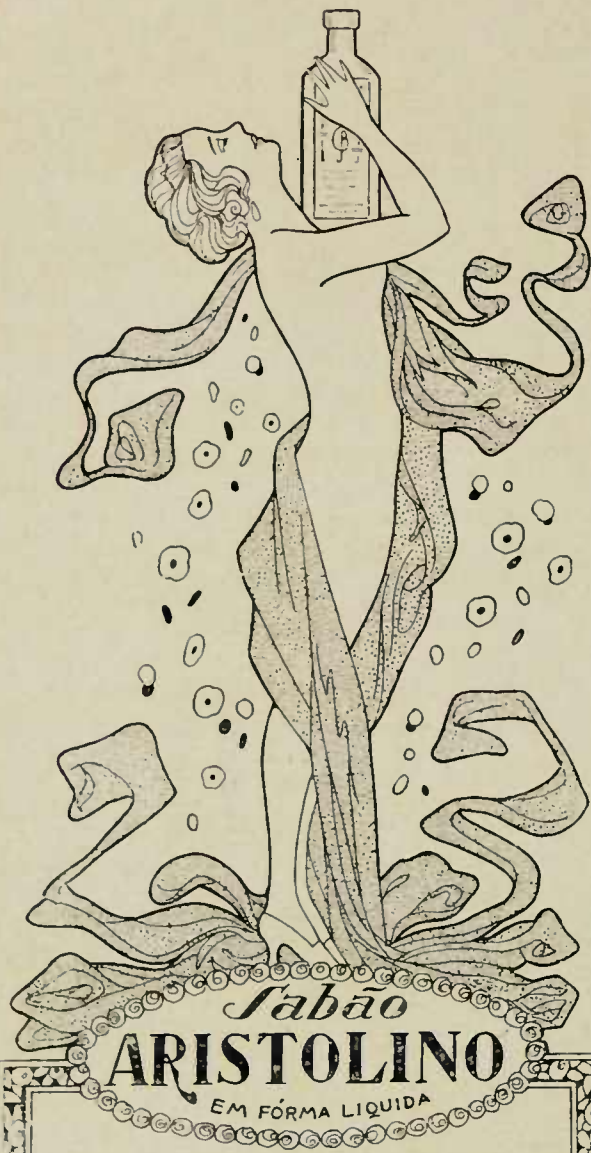
## O NAMORADO

Bem conheço a tua canção, ó taciturno amigo! Nada mais me direis do que está escripto



PHOTOGRAPHIA ARTISTICA—Um aspecto do Cantabrico por occasião das regatas do verão

nos livros dos autores que são como tu. Dirás que a Natureza necessita, para perpetuar-se, do auxilio desse frenesi erotico pelo qual as especies evitam o risco de desaparecer e que o amor é o modesto intermediario da eternidade,



Para o Banho Geral ou Parcial, para as Molestias da Pelle, para a Caspa

**PARA COMBATER**

- |             |                  |
|-------------|------------------|
| Manchas     | Cravos           |
| Sardas      | Vermelhidões     |
| Espinhas    | Comichões        |
| Rugosidades | Irritações       |
| Dôres       | Contusões        |
| Eczemas     | Queimaduras      |
| Darthros    | Inflamações      |
| Golpes      | Frieiras         |
| Feridas     | Perda do cabello |

Poderoso antiseptico, cicatrizante, anti-eczemaloso, anti-parasitario, combate e evita o suor 'elido das mão e dos sovacos, limpa e amacia a pelle.

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito: Drograria ARAUJO FREITAS & C. - RIO



Cartão "America"

que se esvâe logo que a Natureza consegue o seu intento. Mas, desde que tanto agrada aos teus labios a palavra *realidade*, dize-me si em cada minuto não se contém em todo amor a suprema das realidades. Dize-me si o amor não é a maxima realidade, cada vez em que vem encher o coração dos seres. Tu o comparas ao baile. Pois seja! O baile é uma expressão dionysiacca que enlouquece de prazer e de alegria os dansarinos. E é menos enlouquecedor e alegre porque ao espectador afastado parece risivel? A culpa seria da distancia, da frialdade, da falta de realidade do espectador! Assim tambem o amor exalta e enlouquece ao que se sente ferido pela sua divina tortura e cada namorado pensa realizar uma função unica e transcendente, obedecendo a esse impulso natural e necessario que seutem todos os seres de julgar que são o centro do mundo.

**O MISANTHROPO**

Tu mesmo o disséste: o amor é uma tortura.

**O NAMORADO**

O amor é, com effeito, uma tortura, uma divina tortura. Mas seria, sem isso, tão excitante e desejado? A idéa do prazer pacifico e isento de toda perturbação é um mytho inventado para a gente commum que não pensa nem comprehende. A verdade é que o prazer não pode existir si lhe falta o contraste, o lado de sombra, o ponto de inquietude, de espinho, de temor, de perigo. Quanto mais vivas forem essas qualidades, tanto maiores serão as excellencias do prazer. Sabem-n'o perfeitamente os gozadores, os que para chegarem ao prazer saltam sobre o peccado. Não ha porventura em todo prazer um peccado, ou seja uma infracção? Lembra-te de que a Natureza antepõe o perigo á mais simples satisfação do paladar...

**O MISANTHROPO**

A mim a dor parece-me absurda. Si para chegar ao prazer tenho que passar pela dor, prefiro abster-me...

**O NAMORADO**

Falas como delapidador e não como prudente. Pensas ser astuto e não passas de um insensato. Estás malbaratando a tua vida. De que te serve uma vida que não usas? Ainda si a vida fosse interminavel... Mas, ao contrario, ella se está dispersando e consumindo diante dos teus olhos. Si deixares de usar a vida, commetterás a maior dissipação imaginavel. De que vale uma vida sem intensidade? E a maior



intensidade reside no amor, como neste existe a mais profunda força da vida e o prazer que chega ao delírio e á vertigem. Por isso o amor é a eterna causa das maiores tragédias!

#### O MISANTROPO

Tu o disséste: o amor é igual á dor.

#### O NAMORADO

Sim. No amor mais feliz palpita irremediavelmente a dor. Como o amor é o que há de mais perigoso e fragil, vai sempre acompanhando do sofrimento. Sofrer e gozar são coisas idênticas para o apaixonado, a ponto de muitas não saber este discernir si a volúpia que o transfigura provém do prazer ou da dor. A dúvida, essa grande geradora de tormentos, segue constantemente o amor; e o ciúme, como uma furia desencadeada, precede-o e o rodeia. Não importa. O namorado quer antes de tudo viver, e o amor é a mais sublime exaltação da vida. Por um momento de deliquio, toda a existencia! grita o namorado. O amor é uma sublime exaltação da personalidade, e aquelle que recebe esse sopro divino está convencido de que o mundo e o céu com todos os seus astros, concederam-lhe a qualidade finalista, a condição do central e do absoluto. Magnifica illusão! O ser mais modesto, ao ter a convicção de que outro ser lhe entregou o seu destino, ao comprehender que aquella que elle admira e adora lhe cáe nos braços, sente-se arrebatado por um indescritivel orgulho. Nada concebe, naquelle instante, que possa existir acima delle. Alheia-o a embriaguez do triumpho, engrandece-o e o torna magnifico. É o possuidor do que ha de excelso no mundo, a sua amada, e offerece-se ao mesmo tempo como escravo ao objecto do seu amor. É despota e escravo ao mesmo tempo; agora ciumento e deprimido, logo orgulhoso e exaltado; embriaga-se com todas as volúpias, com todas as inquietudes, com todos os tormentos; abraza-se de tentação; torna-se suave de ternura; convence-se de que o orbe inteiro se concentra na sua vida e no emtanto está prompto a dar essa vida por um nada; assim, o namorado é uma coisa extraordinaria, ou monstruosa, si preferes...

#### O MISANTROPO

Eu, por mim, creio que no amor só existe rhetorica, á parte a necessidade de procreação de que falámos há pouco. Estás apaixonado e bem o demonstras com o teu fogo rhetorico. Supprimamos a eloquencia ao amor: que nos resta? O homem é um temperamento naturalmente litterario e é no amor que elle mais põe litteratura. O homem veste a



#### AS TOILETTES ELEGANTES

*Gracioso modelo "Figaro", de Worth, com saia de setim preto e jaqueta de alpaca branca, ornada de vivos pretos e grandes botões de azeviche.*



mulher com os attributos de que esta carece; attribue-lhe uma espiritualidade e uma emotividade que só existe nelle, eterno imaginativo que é, eterno exaggerado. Quando pedimos á mulher — correspondencia — ella não nola pôde dar, porque não possui os attributos com que a vestimos. E' possível trazermos dentro de nós a mulher que amamos; mas quando exigimos que a mulher seja como essa imagem que está em nós, não a encontramos e somos presa de desespero. Por isso ha em todo amante um fallado. A pobre mulher por sua vez se afflige, porque não sabe como dar o que lhe exigimos; sente-se incapaz de chegar á imagem que trazemos dentro de nós; e sente-se menos mulher, uma mulher de vôo baixo, mulher real e carnal, jungida á terra... Ella só possui o realismo da mulher, uma imaginação terrena e normal e uma ternura profundamente humana, que breve adquire o seu sentido verdadeiro: ternura de mãe. Então estabelece-se o conflicto: não se entendem. Ella procura fingir. Engana o homem, simulando emoções desmesuradas, e elle volve instinctivamente aos seus sonhos, buscando em outra mulher a imagem que havia construido em seu intimo. Eis a verdadeira historia do amor, quando o despimos de eloquencia.

#### O NAMORADO

Si tirares a eloquencia a todas as grandes coisas que fazem a vida digna de ser vivida, só te ficará o vacuo entre os dedos. Sob a tua

frialdade analysadora, tudo perde o que chamas rhetorica, eloquencia, litteratura. E pensas assim possuil-as mais real, mais integralmente. Ensaia o teu systema com um vinho cheiroso e cheio de espirito: tira-lhe o espirito, e quando na tua taça nada mais houver do que um liquido insipido e innocuo, dirás que possues realmente o teu vinho? Ao contrario, tiraste a sua verdadeira realidade. O espirito, o impouderavel, a faculdade de produzir embriaguez, era a unica realidade do vinho. Assim acontece com tudo no mundo. Porque o mundo sem espirito, e o espirito é uma embriaguez, se converteria numa coisa insipida, numa coisa sem realidade. Tudo o que disséste do amor é essa coisa insulsa que fica depois da tua analyse; mas o resto te escapa e o resto, que era o espirito, era tambem a unica realidade.

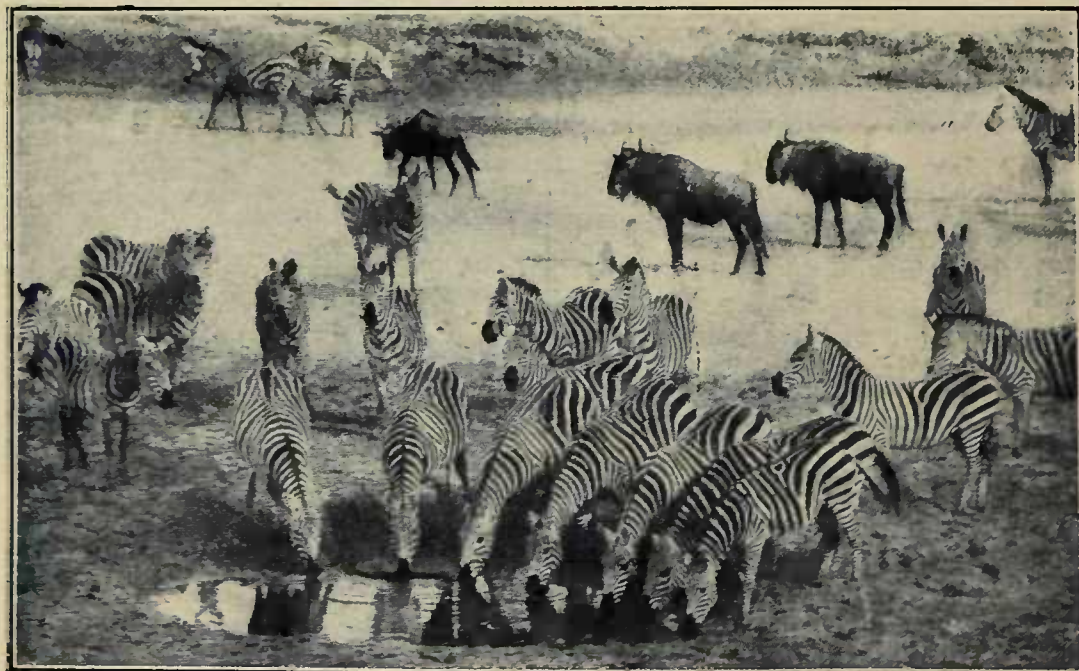
#### O MISANTHROPO

Não. O real no amor é o tedio. O amor termina sempre por um bocejo.

#### O NAMORADO

O' desventurado! Como entendes mal a essencia do amor! O amor é uma tão grande exaltação da personalidade que o infinito mesmo parece-lhe insufficiente para a sua projecção. «Amar-te-ei eternamente!» exclama o namorado. O tedio... Mas isto existirá realmente?

*José M. SALAVERRIA.*



#### O MUNDO PITTORESCO

Na Africa. Um pacifico bando de zebras no bebedouro. Ao fundo, alguns bisões tristes, ultimos representantes de uma especie quasi extinta...



# ◉ ALMIRANTE ALEXANDRINO DE ALENCAR

~~~~~ E A SUA 65.ª DATA NATALICIA ~~~~~

PRESTAMOS hoje sincera homenagem ao almirante Alexandrino de Alencar, eminente ministro da Marinha, cujo septuagesimo quinto anniversario passou na data de 12 de Outubro.

Official de um passado de gloriosas tradições, aspirante aos 15 annos de idade e logo enviado ás aguas paraguayas onde tomou parte na campanha e depois disso, quasi 60 annos de actividade productiva, como commandante de torpedeiras, instructor de artilharia, ajudante de

sima, ainda hoje, após quinze annos de execução, o almirante Alexandrino de Alencar é um modelo vivo para a mocidade brasileira, na phrase competente do chefe da Missão Naval Americana, o almirante Vogelgesang.

Estimadissimo no seio de sua classe pelas qualidades de character altivo, de republicano convicto, tratando a todos com rigorosa justiça, desinteresse e completa isenção de animo, unindo á grande modestia e simplicidade de



Almirante Alexandrino de Alencar

ordens do almirante Jaceguay e de outros em commissões de excepcional importancia, commandante de diversas unidades da nossa esquadra, capitão-tenente commandante do Riachuelo ao tempo da proclamação da Republica, escoltando o saudoso imperador D. Pedro II, á Europa, heroico commandante do «Aquidaban» nos successos revolucionarios de 93, senador da Republica, actualmente ministro da Marinha pela terceira vez, ministro do Supremo Tribunal Militar, e mais do que tudo isso, o marinheiro illustre das acções promptas, decisivas, reorganizador da Marinha, combatente entusiasta pela elevação moral dos nossos marinheiros, aos quaes beneficiou com uma reforma modernis-

costumes, extraordinaria energia e severidade no manejo dos dinheiros publicos e na defeza das mais palpitantes necessidades da Marinha, de que é a propria historia, no periodo inaugurado a 15 de Novembro de 89, vê o illustre chefe da nossa Armada passar mais um anniversario cercado do respeito, admiração, sympathia e amizade dos brasileiros dignos e patriotas.

A's innumeras felicitações por elle recebidas, juntamos as nossas, fazendo votos para que possa o eminente patricio continuar ao serviço da Nação, sempre forte e activo como tem sido nos 58 annos de verdadeira dedicação e muitas vezes de sacrificio á causa publica.

DONA



SINO grande da matriz tinha batido o ultimo signal para o terço.

Num passo pesado, atabafada no chale «por via da friagem da bocca da noite», a devota, gordanchuda, subia, vagarosamente, o becco que ia dar no largo onde estava o templo. Topou então com

o Zé Ribeiro que vinha vindo com o Alves, *comêta*, chegado naquelle dia no povoado.

— Adeus, dona! Já sarou bem? perguntou o Zé, que «no cerne» aguentava ainda bem os janeiros, embora já fossem um punhado delles.

— Qual! *seu Zé!* vou ahi d'uma banda, fazendo biscoito p'ra viagem sem chapéo... A *mardita* não me larga, e, quando pega a fazer frio, não tenho mais arrumação... respondeu numa voz cançada a dona, de cara pellancosa, trincada de rugas, uns olhos apagados e tristes.

— *Mas porém*, o terçosinho a dona não perde, hein? voltou o Zé com um sorriso maroto, de *libertino*.

— *Adio!* eu sou lá como você que é parceiro do capêta? E' porque você inda não viu mesmo a magra direito...

—Sou couro nagua, a dona sabe disso... O *ruim* é que os janeiros vão *amontando* na *cucunda*... E é só a gente perrengar sem talvez... Você que diga, dona!

A devota suspirou, e:

— Tá bom, não pegue a *alembrar* o passado... Até outra occasião, *seu Zé*.

Continuou a subir vagarosamente, enquanto o Zé e o Alves proseguiram a caminhada.

— Quem é esta *barata*? perguntou, curioso, o comêta.

— Aquelle mundo de carne e de *fiura*, que você viu, já foi á tentação de muita gente! Hoje é um caco; mas aqui ha um par de annos mais p'ra traz, era um *trem*... Qual! não havia caboclo que, vendo a

quella cara, não gemesse no chodó... Um torresmo, *seu Alves*, um torresmo, por Deus Nosso Senhor! Eu mesmo gastei meus cobres... Malucadas de moço... mas pagava a pena, isso é que pagava mesmo. Não tinha aqui quem andasse mais na *puba* do que essa creatura! Comprava do bom e do melhor nos negocios e sempre «boa dita». *Tacho* não faltava; só o compadre Totonho, coitado! Deus lhe fale nalma, gastou ouro que não foi graça... A diaba era mesmo de botar a cabeça de uma creatura na perdição. No violão, isso é que era de se vêr! Era *sarada* duma feita! Cantava modinha como nunca ninguém mais ha de cantar! Nunca! Muita costaneira nós batemos por essas ruas, *seu Alves!* Tudo rapaziada de ponta de dedo, *dammisca* p'ra gastar com a dona... Depois, você sabe, a gente pega a criar juízo, vae amoitando, o cabello desanda a pintar, e uma creatura não tem remedio sinão perder a *corcha*. Mas que aquillo foi um *trem*... isso não tem quistã...

— E agora deu para devota, não? observou o *cometa*.

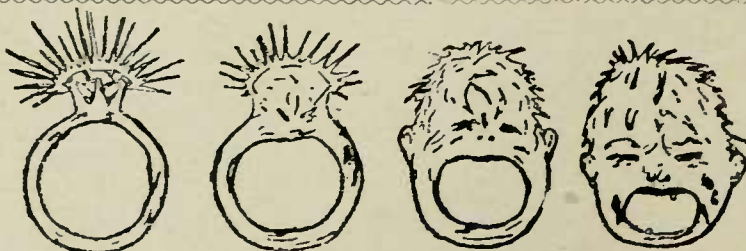
— Pois então! Rezadeira está alli! Não tendo a *mardita*, bate numa toada p'ra igreja, a esta hora, e de manhã não perde missa... Emquanto foi moça, a carne foi de capêta; agora, o *resto*, que é só osso toca p'ra desobriga, de medo de ir p'ro barro... *Mas porém* ha de ir que ninguém fica p'ra semente... concluiu o Zé Ribeiro desconsolado.

— Lá isso tem razão! disse o Alves diminuindo o passo, que já ia fechando a noite, e na rua não havia luz.

Os dois chegaram ao hotel.

Zé Ribeiro não quiz entrar, e, meio corcovado, puxando a gola do paletó surrado, continuou, banzando, sobre o passado, quando elle, de «sangue na guelra», enthusiasmado, era o mantena dos moços, e a «dona», que agora ahi estava feia que até doia, enrabichava muita gente nesse povoado...

— Isso é que foi um tempão! disse alto o Zé, esquecido de que já dei-



A transformação por que passa, em pouco tempo, um anel de noivado.

OS CABELLOS CURTOS E A PSYCHE FEMININA

THOMAS Graham, juiz superior do tribunal de Chicago e quasi especialista nos processos de divorcio, de que julga por anno uma media de mil e quinhentos, acaba de fazer uma conferencia em favor da nova moda, adoptada pelas moças, de trazer cabellos curtos.

Desde que existe esta moda, ha portanto dois annos, affirmou elle, ainda não vi uma unica senhora de cabelleira curta figurar num processo de divorcio.

«E' verdade, prosegue elle, que conheci muitos maridos de senhoras de cabellos curtos que se queixavam de que estas tinham seduzido outros homens, mas tambem nunca elles tiveram a coragem ou o desejo de as abandonar.

«Além disso está averiguado que, ha mais de um anno, nenhuma moça de cabellos curtos tem feito tentativa de suicidio. Parece que ellas tem um temperamento muito alegre para correrem a tal extremo».

Está portanto entendido: as mulheres que cortam o cabello nem se divorciam, nem se suicidam. Mas onde creio que esse magistrado se engana é na explicação do phenomeno:

«Os maridos, diz elle, não gostam das mulheres que se penteiam mal; e pentear cabellos compridos é um trabalho complicado a que muitas vezes se renuncia».

Isto parece-me de uma mediocre psychologia. Em primeiro lugar, nunca se viu uma mulher deixar de consagrar á sua toilette o tempo indispensavel, e mesmo mais do que isso. Em segundo, ha numerosos casos de mulheres que tinham os cabellos tão curtos que eram obrigadas a usar cabelleiras postigas e isso não as impediu de se divorciarem.

A verdade parece ser que a moda dos cabellos curtos é um signal — feliz ou lamentavel, não sei bem — de uma certa «masculinização» das mulheres. Assim masculinizadas, ha uma porção de coisas de ordem sentimental que ellas não tomam ao serio, nem de modo tragico. Então, não só ellas não se divorciam, mas tambem não se atiram mais á agua nem pela janella. A unica questão é de saber si, sob o ponto de vista social, isso representa um progresso ou um recuo. Digamos que seja apenas uma evolução...

Pierre MILLE

xára o cometa, bobeando na besteira de um hotel *renquem*.

Na igreja, «apoiada» no chão, porque a *mardita* não lhe dava mais moda de ajoelhar, a dona rezava muito devota segurando na *croinha*, presente ainda de *seu* padre vigario.

Foi uma «cara que se podia vér»; hoje, um *caco* de mulher velha, pesadona, de lenço a cabeça, atabafada no chale, e o Zé Ribeiro contava que até ella mascava fumo e pitava cachimbo.

Era «pertar a volta da lua» e a dona ter a *mardita* com um febrão bravo que quasi lambia a coitada.

— A modo que é castigo! costumava a dizer o Manéca, muito desabusado para arrelhar as beatas que esconjuravam delle.

A dona assim o via fechava a cara e:

— Cruz nelle! Capéta! Maligno!
Pobre donal

Azevedo Junior.



Ô DESENVOLVIMENTO DOS ESTALEIROS NAVAES BRASILEIROS



A Capital da Republica mantém, apesar da crise economica que atravessamos, estaleiros de construcção naval que honram o bom nome brasileiro.

Esses estabelecimentos, quer particulares, quer officiaes, com raras excepções, conseguiram, com o ensinamento que a guerra deu aos demais estabelecimentos congeneres dos paizes em lucta, melhorar grandemente seu aparelhamento e pessoal.

A siderurgia, porem, só agora iniciada entre nós, obriga-nos a depender ainda grandemente do estrangeiro, o que representa uma desvantagem que não é preciso demonstrar.

Temos que favorecel-a em larga escala para que ella nos possa dar de futuro tudo o que, por ventura, precisarmos para todos os mistéres.

Desses estabelecimentos o primeiro que visitamos foi o da firma Prado Peixoto & Cia., optimamente montado, em Nictheroy.

As officinas recém-reformadas, os machinismos aperfeiçoadissimos de que se acham suppridos, offercem ao operario todo o conforto e facilidade de trabalho.

O que importa em operarios bem dispostos á execução dos trabalhos os mais perfeitos e completos.

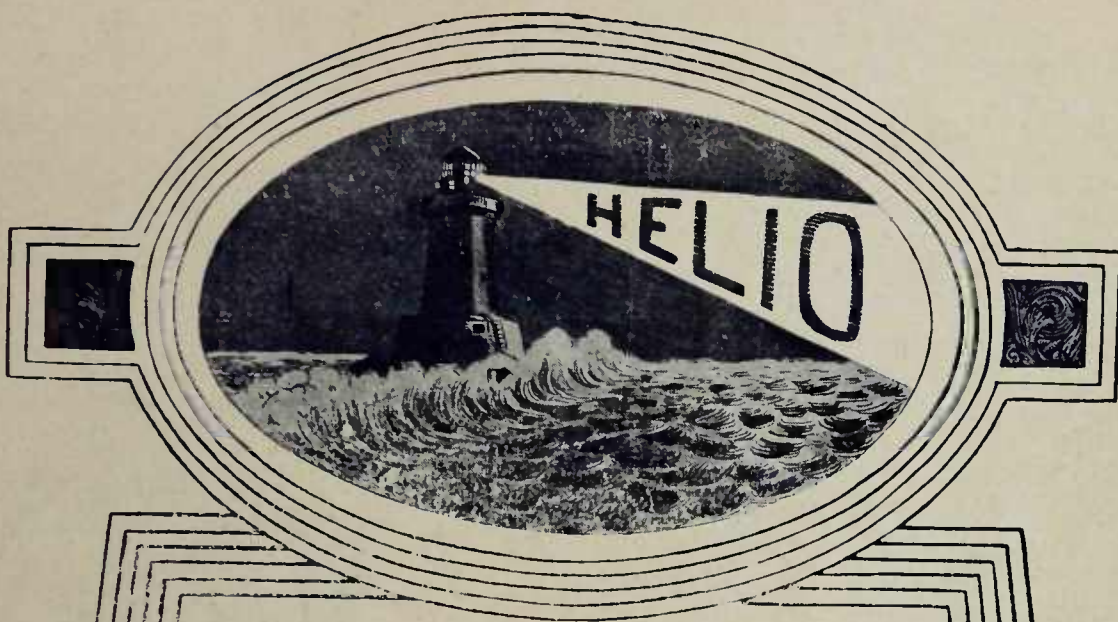
Tivemos occasião de passar a vista sobre diversas notas de obras executadas nesse estabelecimento e afóra os particulares e as de pequena monta: Concertos geraes de um contra torpedeiro e de um navio mineiro, Transformação de um casco em batelão para carvão. Adaptação de um navio para transporte de óleo combustivel. Construcção de oito lanchas para as capitancias de portos, Concertos de rebocadores e lanchas. Construcção de embarcações meúdas. Construcção de uma ponte batel para o dique "Santa Cruz" E muitos outros.

A photographia que hoje apresentamos mostra uma parte das carreiras do alludido estabelecimento.

Ao fundo vê-se a cidade de Nictheroy (S. Lourenço). Atracado está o contra torpedeiro "Matto-Grosso".

Á vista de tudo isso estamos convencidos de que podemos obter desse estabelecimento tudo o que necessitarmos relativamente a construcção naval,

Não podia, pois, ser melhor a impressão de progresso, que trouxemos daquella immensa colmeia onde centenas de operarios exercem a sua actividade e se esforçam por elevar a industria brasileira aos destinos que lhe estão reservados.



A garantia de uma machina

está na lubrificação

Use os oleos de classe

Helio A

Helio B

Helio C

Soviel-Betaluna e Engine Dick



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).